

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Alice Beatriz Assmann

**AS ASSOCIAÇÕES DE TIRO AO ALVO EM SANTA CRUZ DO SUL/ RIO GRANDE
DO SUL: da fundação a nacionalização**

Porto Alegre,

2010

Alice Beatriz Assmann

**As associações de tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul/ Rio Grande do Sul: da
fundação a nacionalização**

Trabalho de conclusão de curso II
apresentado como requisito final
para obtenção do título de Bacharel
em Educação Física, orientado pela
Profa. Dra. Janice Zarpellon Mazo.

Porto Alegre,

2010

Dedico este estudo a minha família, que me apóia e incentiva em todas as escolhas. A base que sustenta minha trajetória e acompanha o meu caminho.

AGRADECIMENTOS

A professora Janice Zarpellon Mazo, que se dispôs a me orientar, incentivando e apoiando essa caminhada, sempre presente e paciente diante das minhas angústias.

A Cecília Kilpp que me mostrou a magia de estudar história.

Ao Sr. Roberto Steinhaus, amigo e historiador, que conhece muito bem a trajetória da cidade de Santa Cruz do Sul e sempre compartilhou seus conhecimentos e materiais.

Ao meu namorado, Humberto Mohr, que participa das minhas aflições, me acompanha pelas estradas de chão e me apóia em todos os momentos.

Ao meu pai, José Francisco Assmann, que me aconselha e me apoia para seguir adiante.

A meu tio Roque Wenzel, um apaixonado pela história, sempre disposto a sair pelo interior em busca de sociedades de atiradores e novas fontes.

A Profa Jaqueline Bender, sempre atenciosa, paciente e disposta a me auxiliar nas traduções do alemão.

Também, agradeço a todos que de alguma forma me auxiliaram nessa caminhada, torcem por mim e acreditam no meu potencial.

Agradecimento Especial

A minha mãe, Irma Maria Wenzel, fiel escudeira que não mede esforços para me ajudar no que for preciso. Minha acompanhante nas saídas de campo, nos torneios de tiro, na busca por novas fontes. Guerreira e determinada, é meu exemplo de generosidade e alegria.

RESUMO

A prática do Tiro ao Alvo no Rio Grande do Sul é datada de meados do século XIX quando foram fundadas as primeiras sociedades de tiro pelos imigrantes alemães. Estas sociedades foram espaços de sociabilidade e lazer para os imigrantes e seus descendentes, bem como, locais de construção de identidades étnico-cultural. Este estudo tem por objetivo interpretar como ocorreu a prática do tiro ao alvo no município de Santa Cruz do Sul, desde a fundação das primeiras associações em meados do século XIX, até a nacionalização no princípio da década de 1940. A pesquisa está alicerçada nos pressupostos teóricos-metodológicos da História Cultural (BURKE, 2005; CHARTIER, 2000; PESAVENTO, 2004). Nesta perspectiva, foram realizadas consultas a fontes impressas e a outros documentos em acervos particulares. Estas foram submetidas à análise documental desenvolvida por Bardin (2000). O tiro ao alvo é uma prática trazida pelos primeiros imigrantes alemães que chegaram em Santa Cruz do Sul em 1849. No município foi fundada a mais antiga sociedade de tiro do Estado, a *Schutzengilde*, em 1863. As décadas seguintes foram marcantes para o associativismo esportivo em Santa Cruz do Sul, em particular para as associações de tiro ao alvo, em razão da significativa ascensão econômica e maior preocupação com o lazer. Devido aos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), muitas associações de tiro ao alvo tiveram suas atividades paralisadas, mas conseguiram se reerguer. Entretanto, com o Estado Novo (1937-1945) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) o associativismo teuto-brasileiro sofreu revezes que transformaram definitivamente seu sentido.

Palavras-Chave: Esporte. Tiro ao Alvo. Associações. História.

ABSTRACT

Das Scheibenschießen im Rio grande do Sul ist im neunzehnten Jahrhundert datiert, als die ersten Schießvereine von den deutschen Einwandern eingeweiht wurden. Diese Vereine waren die Geselligkeits- und Freizeitsplätze der Einwanderer und ihrer Nachkommen, sowie Aufbaulokale der ethnischen und kulturellen Identitäten. Diese Studie hat das Ziel vorzuführen, wie diese Praxis des Scheibenschießens in der Stadt Santa Cruz do Sul eingetreten ist, seit der Gründung der ersten Vereine im neunzehnten Jahrhundert bis zur Verstaatlichung am Anfang der vierziger Jahre. Diese Studie wird von den theoretischen Annahmen der Kulturgeschichte unterstützt. (BURKE, 2005; CHARTIER, 2000; PESAVENTO, 2004). Innerhalb dieser Perspektive wurden gedruckte Quellen geforscht und auch andere Dokumente in privaten Sammlungen. Diese Dokumente wurden durch Bardin (2000) Methode analysiert. Die ersten deutschen Einwanderer kamen im Jahr 1849 in Santa Cruz do Sul an, brachten ihre Bräuche mit, davon das Scheibenschießen. In der Gemeinde wurde der älteste Schießverein des Staates gegründet *Schutzengilde* Anfang des Jahres 1863. Die folgenden Jahrzehnte sind bemerkenswert für die Sportverbände in Santa Cruz do Sul, insbesondere für die Schießvereine, wegen des erheblichen wirtschaftlichen Aufschwungs der deutschen Einwanderer und wegen der größeren Sorge für Freizeit. Mit dem ersten Weltkrieg hat man viele Sportarten stillgestellt, die es aber wieder geschafft haben. Jedoch mit dem „Estado Novo“ (1937-1945) und dem Zweiten Weltkrieg (1939-1945) erlitten die deutsch-brasilianischen Verbände Rückschläge, die für immer seine Bedeutung verändert haben.

Stichworte: Sport. Scheibenschießen. Vereine. Geschichte.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Equipe brasileira de tiro que participou das Olimpíadas em 1920.....	31
Figura 2: Mapa da Colônia de Santa Cruz do Sul.....	34
Figura 3: Mapa do Município de Santa Cruz em 1922.....	36
Figura 4: Colônias de população de origem germânica surgidas durante o século XIX nos vales dos rios Taquari e Pardo.....	37
Figura 5: Publicidade de evento na <i>Deutscher Schützenverein</i> (Sociedade Alemã de Atiradores) Santa Cruz em 1912.....	42
Figura 6: Fachada da sede da Sociedade de Tiro, Caça e Pesca de Santa Cruz do Sul.....	44
Figura 7: Placa de metal em frente a sede da Sociedade com a inscrição dos anos de 1872 e 1900.....	44
Figura 8: Estande de tiro de carabina da Sociedade de Tiro, Caça e Pesca de Santa Cruz do Sul.....	45
Figura 9: <i>Deutsch-Brasilianischer Schützenverein</i> (Sociedade Teuto-brasileira de Atiradores) de Picada Santa Cruz, 10 de agosto de 1890.....	46
Figura 10: Fachada atual da antiga sede da <i>Deutsch- Brasilianischer Schützenverein</i> (Sociedade Teuto-brasileira de Atiradores) de Picada Santa Cruz, hoje Monastério.....	46
Figura 11: Festa na Sociedade de Atiradores em Linha Boa Vista.....	47
Figura 12: Caderno de Atas da Sociedade Alemã de Atiradores Vila Thereza.....	48
Figura 13: Cinquentenário da Sociedade Alemã de Atiradores Vila Thereza.....	49
Figura 14: Recordação da Solenidade a bandeira da <i>Deutscher Schützenverein</i> (Sociedade Alemã de Atiradores) de Sinimbu, 18 de Novembro de 1900.....	52
Figura 15: Atiradores <i>Deutscher Schützen-Verein</i> (Sociedade Alemã de Atiradores) de Sinimbu, 1887.....	53
Figura 16: Museu Engelmann, antiga sede da Sociedade Alemã de Atiradores de Sinimbu.....	54
Figura 17: Pintura na parede do Museu Engelmann.....	54
Figura 18: Livro de Atas da <i>Deutsch Brasil. Schützen-Club</i> (Clube Teuto-brasileiro de Atiradores) em Sinimbú.....	55

Figura 19: Festa na <i>Schützenverein</i> (Sociedade de Atiradores) Rio Pardinho.....	56
Figura 20: Festa na <i>Schützenverein</i> (Sociedade de Atiradores) Rio Pardinho.....	56
Figura 21: Quadro comemorativo de 50 anos da <i>Deutscher Schützenverein</i> (<i>Sociedade Alemão de Atiradores</i>) Rio Pardinho.....	57
Figura 22: 50 anos <i>Deutscher Schützenverein</i> (Sociedade Alemã de Atiradores) Rio Pardinho, 4 de Setembro de 1932. A solenidade a bandeira.....	58
Figura 23: Fachada da antiga cooperativa em Rio Pardinho.....	58
Figura 24: Interior da antiga cooperativa no ano de 2010.....	59
Figura 25: Pintura localizada à direita do palco.....	59
Figura 26: Pintura localizada à esquerda do palco.....	60
Figura 27: Torneio de Centenário de Rio Pardinho, em 1952.....	63
F11igura 28: Quadro comemorativo de 50 anos da Sociedade Atiradores Boa Esperança.....	64
Figura 29: Fachada atual do Salão Wachter.....	65
Figura 30: Quadro de lembretes da Sociedade de Atiradores Boa Esperança.....	66
Figura 31: Torneio de Tiro no centenário da Sociedade Atiradores Boa Esperança, 2010.....	66
Figura 32: Sociedade de Atiradores Daltro Filho.....	67
Figura 33: Sociedade de Damas Concórdia.....	69
Figura 34: Publicidade do Tiro de Guerra de Rio Pardinho.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEDOC – Centro de Documentação

CTB – Confederação do Tiro Brasileiro

CBCT – Confederação Brasileira de Caça e Tiro

FBT – Federação Brasileira de Tiro

IGM – Primeira Guerra Mundial

IIGM – Segunda Guerra Mundial

RS – Rio Grande do Sul

TG – Tiro de Guerra

UIT – União Internacional de Tiro

UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
4. <i>DIE DEUTSCHE UND DIE SCHÜTZENVEREINE IM RIO GRANDE DO SUL</i> – Os Alemães e as Sociedades de Atiradores no Rio Grande do Sul	17
5. SANTA CRUZ DO SUL, <i>EINE DEUTSCHE SCHÜTZENKOLONIE</i> – Santa Cruz do Sul, uma colônia alemã de atiradores	32
6. ATIRADORES ESCONDAM AS ARMAS: a nacionalização e as associações de tiro ao alvo	71
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	87

1. INTRODUÇÃO

O Rio Grande do Sul foi um dos primeiros estados brasileiros a praticar o tiro ao alvo, através de seus clubes de caça e pesca e sociedades de atiradores, fundadas principalmente por imigrantes alemães. Após a chegada dos primeiros imigrantes alemães na Feitoria de Linho e Cânhamo, São Leopoldo, em 1824, foram muitas as colônias alemãs fundadas no estado do Rio Grande do Sul. Com a vinda dos teutos às terras gaúchas também vieram novos costumes, o gosto pelas armas, pela caça e pelo tiro (FERREIRA, 1986). O tiro ao alvo era praticado em associações por membros de origem germânica chamadas de *Schützenverein* – Sociedade de Atiradores – ou *Schiessklub* – Clube de Tiro.

Santa Cruz do Sul foi fundada em 1849 sob gerencia da Província de São Pedro, quando da chegada dos primeiros imigrantes alemães. Palco da primeira sociedade de tiro ao alvo fundada no estado do Rio Grande do Sul, a *Schützengilde* em 1863, Santa Cruz, destaca-se pela fundação de inúmeras associações esportivas germânicas voltadas para a prática do tiro ao alvo. As *Schützenvereine* e as *Schiessklubs* foram importantes espaços de confraternização da comunidade santacruzense através de suas festividades e competições. Por meio de representações e símbolos se afirmaram como espaços de identificação e diferenciação étnica.

Apesar da relevância histórica, são poucos os estudos que tratam, especificamente, a respeito das sociedades e clubes de tiro ao alvo fundadas no município. Assim, este estudo tem por objetivo interpretar como ocorreu a prática do tiro ao alvo no município de Santa Cruz do Sul, desde a fundação das primeiras associações em meados do século XIX, até a nacionalização no princípio da década de 1940.

O recorte temporal é estabelecido pela fundação da primeira sociedade de tiro do município, até o princípio de 1940, quando as associações foram nacionalizadas em consequência das ações promovidas pelo Estado Novo. A Colônia de Santa Cruz ao longo dos anos se caracterizou como um município em próspero desenvolvimento. O período abarcado transcorre uma época em que as associações esportivas fundadas por teuto-brasileiros estava em ascensão, transpõe o século, passa pela primeira Grande Guerra Mundial e suas implicações e termina no período

em que tais associações deparam-se com as mais fortes opressões advindas da Campanha de Nacionalização e Segunda Guerra Mundial.

Este estudo se apresenta como sub-projeto do projeto “guarda-chuva” intitulado “Esporte e Educação Física no Rio Grande do Sul: estudos históricos”, cuja pesquisadora responsável é Janice Zarpellon Mazo. A pesquisa foi desenvolvida de acordo com a perspectiva da História Cultural.

Após a introdução apresenta-se o Referencial Teórico, que abarca considerações a respeito da História Cultural e seus conceitos, bem como, o conceito de associação. Segue-se com os Procedimentos Metodológicos.

O desenvolvimento da pesquisa inicia com considerações a respeito do esporte do tiro no plano mundial, nacional e estadual. A este último tem-se especial atenção com as especificações a respeito da imigração alemã no Rio Grande do Sul, tendo em vista a essencial participação destes nas associações de tiro ao alvo. Segue-se com a revisão bibliográfica a respeito das *Schützenvereine* no estado e algumas considerações importantes no desenvolvimento do esporte.

No próximo capítulo são abordados aspectos históricos a respeito da fundação e desenvolvimento do município de Santa Cruz do Sul, bem como suas sociedades de tiro e considerações a respeito. As questões referentes a nacionalização das associações, tanto por ações em consequência da Primeira Guerra Mundial, quanto pela Nacionalização nos finais de 1930 e princípio da década de 1940, são abordadas em capítulo específico. Em seguida estão as considerações finais do trabalho.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

Este estudo está apoiado nos pressupostos teóricos da História Cultural. Segundo Chartier (2000, p.16) a história cultural tem como objetivo principal “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”, sendo a cultura entendida enquanto prática associada as categorias de representação e apropriação.

De acordo com Burke (2005) a História Cultural foi redescoberta e renovada a partir da década de 1970, em direção ao estudo de um passado importante que outros historiadores não conseguiam alcançar. Na Nova História Cultural, a dimensão simbólica e suas interpretações passam a constituir o terreno comum dos historiadores, tornando possível diferentes objetos de estudo, como o estudo das “práticas”. Esta nova direção promoveu a História do Esporte, que deixa de ser um campo de amadores para se tornar profissionalizada. Segundo Pesavento (2008, p.12) “a história cultural veio valorizar o – e dar reforço ao – papel do historiador”.

Na Nova História Cultural o sujeito histórico e suas relações passam a ser valorizados. Os documentos não são mais provas indiscutíveis do passado, mas sim produtos do sujeito ou sociedade que o produziu.

Burke (2005) coloca que o termo “cultura” é utilizado pela Nova História Cultural de forma ampla, abrangendo aspectos culturais do comportamento humano como centro do conhecimento histórico. Desta forma os estudos culturais abordam valores de grupos particulares, em locais e período específicos. Grupos estes que sofrem transformações e adaptações de acordo com as novas circunstâncias.

Não busca-se aqui encontrar verdades absolutas, mas sinais do passado que remetam a verossimilhança do acontecido. De acordo com Pesavento (2008, p.110) “o resultado – a trama historiográfica construída – não é o real, mas uma versão documentada e argumentada sobre o mesmo”. Para tal, existem termos que formam o patamar epistemológico partilhado pelos seguidores da História Cultural, entre os quais o conceito de representação é essencial. Segundo Pesavento (2004), a representação pode ser entendida como o registro de uma ausência, a re-representação de algo que se encontra ausente no tempo e no espaço. Deste modo representante e representado guardam entre si relações de aproximação e

distanciamento. Além disso, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as utiliza e produzidas historicamente pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas).

De acordo com Chartier (2000), a noção de representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; e as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

Do conceito de representação deriva o de imaginário, ou seja, uma composição de idéias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história, para dar significado às coisas. “O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima; existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade” (PESAVENTO, 2008, pg 13 e 14). Para Barros (2005, p.209) imaginário consiste em um sistema “complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”.

Este estudo constrói argumentos e inferências com a utilização de muitas imagens e fotografias, o que faz necessário uma abordagem mais ampla a respeito da representação por imagens. As imagens são produções humanas dotadas de sentido e significados operando como testemunho do passado. São, desta forma, transmissoras de uma herança, representações de uma realidade vivida, a presença de algo que já passou. A imagem dar-se a ver assim como dar-se a ler pelo “espectador” que a contempla e nela descobre ou constrói significados. É ele que por meio de esquemas mentais pré-existentes, dá sentido ao que vê. A imagem visual é complementada pela imagem mental armazenada no “arquivo de memória” ou “museu imaginário”, que abarca as experiências que todo homem carrega consigo. “A realidade é recriada no imaginário, preenchendo lacunas, suprimindo os silêncios”. A imagem refere ao real, mas é sempre uma construção, uma

interpretação, uma recriação do real e não uma reprodução fiel e verdadeira. Desta forma, Pesavento (2008) ainda afirma que a realidade trazida pela fotografia é sempre reconstruída, simulada, que implica uma performance e uma teatralização. São frutos de um olhar sobre o mundo em uma determinada época. Enfim, como construção visual e mental, as imagens são portadoras de um imaginário de sentido, marcado pela historicidade da sua produção. Atuam no nosso tempo como portas de entrada para o universo da razão e sensibilidades que mobilizavam a vida dos homens de um outro tempo. A imagem está como um “lugar no tempo” assim como o discurso está como um “momento no espaço”. As imagens trazem totalidades e também sutilezas e minúcias, o que potencializa a interpretação. Assim toda imagem é também uma narrativa que conta e explica algo, e quanto mais conhecimento porta o historiador maior será a sua capacidade de interpretação. O historiador da cultura não procura na imagem apenas o necessariamente acontecido, mas sim a percepção dos homens acerca da realidade em que viveram, ou seja, a imagem como indício do que se desejou que fosse, do que se pensava que era. Porém, para se chegar até a interpretação da fonte, é necessário antes contextualizá-la – quem, quando, onde – seguido da configuração – o quê, como, porquê – e por último a refiguração – analogias, comparações, contrastes – atribuindo significados à imagem (PESAVENTO, 2008).

Pesavento (2008) ainda trás outro conceito que se situa no centro da construção social das representações, o das sensibilidades. Este conceito implica o sentido, a razão e os sentimentos expressos pelos homens em determinado momento para qualificar a realidade. Segundo a autora, esta é a meta buscada por todo historiador, “essa impressão de vida ou força vital deixada pelos homens do mundo” (PESAVENTO, 2008, p.14).

A preocupação com a construção de identidades também é uma característica importante da História Cultural. Segundo Pesavento (2004), a identidade pode ser entendida enquanto representação social que remete a idéia de pertencimento. É uma construção imaginária que através de sistemas simbólicos permite a identificação do indivíduo frente a uma coletividade.

Os sujeitos buscam a autenticidade de determinada identidade por meio de um passado supostamente comum. Assim discursam sempre a partir de uma posição histórica e cultural. De acordo com Woodward (2000) são as posições que

assumimos e com as quais nos identificamos que constituem nossas identidades. As identidades são construídas através de marcação de diferença – nós e eles. Sendo as diferenças estabelecidas por uma marcação simbólica.

Neste estudo tratamos de associações voltadas para a prática do tiro ao alvo no município de Santa Cruz do Sul, fundadas por imigrantes alemães e seus descendentes.

As práticas esportivas são fenômenos socioculturais, que para além da atividade física regida por regras, caracteriza-se como um meio de convivência e influência no cotidiano e estilo de vida dos que o praticam. As práticas esportivas influenciam na construção, afirmação e manutenção de identidades culturais dos grupos nos quais elas ocorrem. Sendo assim

o esporte também é uma forma de patrimônio cultural. Pois, é também através dele, que identidades e modos de vida são constituídos e mantidos. O patrimônio cultural é justamente isso, bens materiais ou imateriais, cuja identificação e preservação são significativos para a vida dos grupos sociais em que eles estão inseridos, tais como o tiro e as sociedades de atiradores (NETO, 2010, p. 35).

Associação, segundo Boudon (1990, p. 16), em sentido restrito,

designa um agrupamento de duas ou várias pessoas que põem em comum, de maneira permanente, os seus conhecimentos e a sua atividade numa finalidade que não seja a de partilhar lucros. (...) Em sentido amplo, o termo designa todo e qualquer agrupamento, sejam quais forem a sua forma jurídica e a sua finalidade.

Ainda conforme o autor, o fenômeno associativo, que condiz a propensão dos homens para se agruparem por um objetivo em comum, constituem um escalão intermédio entre o Estado e o indivíduo ou grupo, bem como, facilitam a integração social de cada um e a aprendizagem da vida colectiva.

As associações voltadas para a prática do tiro ao alvo, tinham por finalidade comum o manejo das armas, a defesa dos lares e a diversão dos associados. E para além do caráter esportivo, buscavam a afirmação do grupo e da identidade teuto-brasileira através de símbolos, normas, comportamentos e outras formas de representações específicas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa histórica refere-se à emergência e ascensão das associações esportivas voltadas para a prática do tiro ao alvo no município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. A prática do tiro era realizada por armas com balas de pólvora e balins por membros e participantes de associações esportivas de origem germânica no município. O período estudado remete a meados do século XIX, quando foi fundada a primeira Sociedade de Atiradores em Santa Cruz, até meados do século XX, quando foram nacionalizadas.

O município de Santa Cruz do Sul compreende a cidade e os distritos. Atualmente são distritos de Santa Cruz do Sul: Sede Municipal (1º), Boa Vista (2º), Monte Alverne (3º), São Martinho (4º), Saraiva (5º), São José da Reserva (8º), Rio Pardinho (9º) e Alto Paredão (12º). Para esta pesquisa será utilizado o espaço geográfico pertencente ao município no período que transcorre o estudo (meados do século XIX até princípio de 1940). Assim, Sinimbu, município emancipado no ano de 1992 de Santa Cruz do Sul, e Vera Cruz, antigo distrito do município que respondia pelo nome de Vila Thereza, respondem neste estudo por Santa Cruz do Sul.

Em relação à coleta de dados, foram selecionadas como fontes de pesquisa, livros e artigos sobre pesquisa histórica em educação física, história da colonização e imigração alemã no estado do Rio Grande do Sul, município de Santa Cruz do Sul e associativismo esportivo, atlas do esporte, almanaques, bem como documentos da época, obras comemorativas, fotografias, Livros Caixa e Atas de associações de tiro ao alvo e jornais em alemão. Foram realizadas buscas no Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEDOC UNISC), e visitas a Sociedades de Atiradores ativas, antigas sedes e museus.

Após a coleta, as fontes foram submetidas à análise documental desenvolvida por Bardin (2000). Para tal, é utilizado um conjunto de instrumentos metodológicos que asseguram a objetividade, sistematização e manipulação de fontes diversas. Assim, foi utilizado um processo sistemático constituído de fases sequenciais norteadas pelos objetivos propostos para o estudo. Primeiramente, foi realizada a pré-análise, o que significa o levantamento e a seleção das fontes que poderiam

oferecer elementos para a contextualização do objeto de estudo. Em seguida, iniciou-se a etapa de exploração do material, através de leituras e seleção de dados quantitativos e qualitativos que fundamentassem a proposta inicial. O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, em última fase, objetivaram o tratamento dos dados obtidos de forma a serem significativos e válidos para a pesquisa.

Para a melhor compreensão do objeto de estudo, foi realizado um estudo prévio a respeito da origem da prática do tiro ao alvo e sua implicação nacional e estadual.

4. DIE DEUTSCHE UND DIE SCHÜTZENVEREINE IM RIO GRANDE DO SUL – Os Alemães e as Sociedades de Atiradores no Rio Grande do Sul

A invenção da pólvora pode ser considerada o marco inicial da história das armas de fogo e do tiro ao alvo. Não se sabe ao certo se foram chineses ou árabes a realizar este feito, porém, os primeiros a empregá-las para fins bélicos foram os ingleses em 1346, em vitória sobre os franceses em Crecy. Com o aperfeiçoamento da pólvora, foi possível o avanço tecnológico dos armamentos, tornando-os cada vez mais seguros, práticos e adaptáveis à conformação física do homem (FERREIRA, 1986).

Segundo Ferreira (1986), o esporte do tiro ao alvo tem suas raízes provenientes da instrução militar, devido a treinamentos de tiro realizados pelo exército europeu. A preocupação em adestrar soldados e prepará-los para combate, fez crescer o incentivo ao treinamento de tiro, sendo levantadas inúmeras linhas de tiro nos fundos dos quartéis, onde poderiam exercitar a prática com segurança.

Os costumes da caça, muito anteriores ao desenvolvimento das armas de fogo, também foram importantes para o desenvolvimento do esporte. Com a evolução dos armamentos, permitindo maior precisão e alcance, com modelos mais leves e portáteis, esta tecnologia é incorporada pelos caçadores. Nos clubes de caça europeus, passam a ser realizados concursos de melhor pontaria, despontando e angariando mais adeptos para o esporte do tiro (FERREIRA, 1986).

O esporte do tiro ao alvo teve início na campanha. Em seguida, migrou para os grandes centros onde foram fundados clubes de tiro com características próprias. A época também favoreceu o desenvolvimento do esporte, tendo em vista as freqüentes crises que rondavam os países europeus, com a constante ameaça de deflagração de um conflito armado. Aos olhos do governo, o esporte contribuía para o adestramento dos cidadãos, além de manter viva a chama de que “todos os homens válidos deveriam saber pegar em armas” (FERREIRA, 1986, p. 38). Com a Revolução Industrial, em meados do século XIX, nos principais países europeus e nos Estados Unidos, surgem as primeiras fábricas de armas de iniciativa particular e voltadas para atender aos atiradores, com produção de um variado número de armas de tiro ao alvo. O esporte, então, não tardou em progredir espalhando-se

rapidamente para outros países, com ajuda especial dos imigrantes que trouxeram os seus costumes para a América.

Em meados do século XIX, o Brasil foi palco da imigração Européia. A Europa fazia emigrar em decorrência de crises a que estava submetida a sociedade européia. Os sérios problemas socioeconômicos, agravados pelo excedente populacional e pela industrialização, decorreram em êxodo rural, aumento desenfreado da área urbana, da criminalidade, de doenças e da pobreza. Para os emigrantes significava a possibilidade de um vida melhor e o acesso à propriedade da terra. Em contrapartida, o Brasil necessitava de soldados, colonos e artesãos. Ainda, para o Estado brasileiro, a imigração fazia parte de um processo civilizatório da sociedade, devendo emigrar europeus brancos e, preferencialmente, católicos. Entre os imigrantes que chegaram ao sul do país estavam os alemães, principais fundadores das associações voltadas para prática do tiro ao alvo no Rio Grande do Sul (DREHER, 2008; LAZAROTTO, 1982; NETO, 2010).

O primeiro núcleo de alemães no Brasil foi instalado na Bahia ainda antes da Independência (1822). Porém, foi um empreendimento mal-sucedido, atribuindo-se o fracasso ao clima tropical. Sendo assim, o marco inicial da colonização alemã para a maioria dos autores e para os próprios colonizadores é datado de 18 de julho de 1824, com a chegada dos primeiros imigrantes de origem germânica ao Rio Grande do Sul (SEYFERTH, 1994). Nesta data, aportaram em Porto Alegre, antiga capital da Província de São Pedro do Rio Grande, 38 alemães trazidos por Jorge Antônio Von Shaffer. Em 25 de julho do mesmo ano, foram encaminhados a um estabelecimento agrícola do império que não dera resultados e já estava desativado: a Feitoria de Linho e Cânhamo. Em homenagem à Imperatriz Dona Leopoldina, o primeiro núcleo de alemães no Rio Grande do Sul foi chamado de “Colônia alemã de São Leopoldo” (LAZZAROTO, 1982). A partir daí, muitos foram os alemães que chegaram às terras gaúchas, trazendo consigo novos hábitos, o gosto pelas armas, pela caça e pelo tiro (FERREIRA, 1986).

Ao desembarcarem no Brasil, os imigrantes alemães eram encaminhados às colônias situadas, majoritariamente, no interior do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Seyferth (1994, p. 11) justifica a “concentração dessa etnia na região sul” por diversos fatores: a) o regime de colonização de pequena propriedade e o interesse na imigração de famílias de camponeses europeus, o que não

interessava aos latifundiários do norte, ; b) os problemas de fronteiras, devido as “grandes extensões de terras devolutas, que apesar da existência de indígenas e caboclos, eram considerados “vazios demográficos” à espera de um povoamento “racional” ”; c) a imagem negativa do Brasil como nação escravagista e as denúncias relacionadas ao processo de colonização.

A imigração alemã no Brasil compreende o período entre 1824 e 1960, quando encerra oficialmente. Entre os anos de 1850 e 1919 se caracterizou por entradas constantes. Após 1920 foi observado um aumento considerável de imigrantes ingressos no país devido as dificuldades do pós Primeira Guerra Mundial. A partir de 1938 os números se tornam inexpressivos. No total vieram ao Brasil aproximadamente 235 mil imigrantes de origem germânica (SEYFERTH,1994, apud CARNEIRO,1950; DIEGUIES JÚNIOR, 1964; WILLEMS, 1940). Apesar da maioria camponesa e de trabalhadores das áreas urbanas, também imigraram artesãos, técnicos especializados, refugiados políticos, ex-militares, pequenos empresários, intelectuais, etc..

Entretanto, é necessário definir o conceito de imigrante alemão, pois no início da colonização germânica no sul do país, os Estados Alemães ainda não estavam unificados. Este processo apenas foi concluído no ano de 1871 com a fundação do Império Alemão sob a liderança do Reino da Prússia. Até este período não havia unidade política e cultural entre os alemães, divisão acentuada pelo predomínio de duas Igrejas cristãs no território da atual Alemanha, a Católica e a Luterana (NETO, 2010 apud DANIELS e HYSLOP, 2004). Foi apenas no Brasil que os imigrantes passaram a ser considerados e designaram-se “alemães”. Sendo assim, definimos por imigrantes alemães “homens e mulheres oriundos da Europa central, mais precisamente da região onde hoje está localizada a Alemanha” (NETO, 2010, p. 42). Os primeiros alemães que chegaram ao sul do país eram entre bávaros, prussianos, renanos, e outros, sendo as diferenças entre esses grupos acentuadas através dos costumes, da língua e da região.

Desta mesma maneira também definimos o termo “colônia”, pretendendo elucidar os diversos conceitos genéricos por detrás do termo quando nos referimos neste trabalho às colônias alemãs. Designamos para este estudo como colônia alemã os empreendimentos públicos ou privados, habitados majoritariamente por imigrantes e descendentes de alemães, e por eles culturalmente germanizados.

Estas regiões poderiam ser virgens ou não. Através do regime de pequena propriedade familiar, os imigrantes deram origem a comunidades com características próprias. As colônias alemãs seguiam certo padrão. Eram formadas por uma sede, conhecida como *Stadplatz*, e dela partiam duas ou três picadas ou linhas que davam acesso aos lotes adjacentes (NETO, 2010). “As antigas colônias alemãs no sul do Brasil cresceram e deram origem à diversos municípios sulinos de pequeno e médio portes” (NETO, 2010, p. 45).

Segundo Vogt (2001, p. 1)

a) a concentração de grupos étnicos em áreas geográficas relativamente isoladas; b) a inexistência de políticas públicas estatais voltadas para o atendimento das necessidades mais prementes dos colonos, notadamente no que se refere à educação e à assistência religiosa; c) a ênfase dada, por esses núcleos coloniais, à organização associativa, o que está presente notadamente entre os de descendência germânica,

favoreceu uma organização comunitária relativamente autônoma de diversos núcleos de imigrantes alemães.

Ainda de acordo com Vogt (2001), a partir da metade do século XIX o governo imperial promoveu iniciativas importantes no que tange à colonização. A Lei nº. 514, de 28 de outubro de 1848, delegou maior participação das províncias quanto ao processo de povoamento do país e previu regras quanto às terras devolutas para fins de colonização. Em decorrência dessa lei, surgiram em São Pedro do Rio Grande do Sul as colônias provinciais de Santa Cruz, de Santo Ângelo, de Monte Alverne e de Nova Petrópolis.

No vale do Rio Pardo, a colonização germânica iniciou pela colônia de Santa Cruz, em 1949, que se constituiu na primeira colônia fundada e gerida pela província de São Pedro. De Linha Santa Cruz, a colonização se expandiu na direção de Rio Pardinho, Dona Josefa, Linha Andréas, Sinimbu, Vila Tereza e Ferraz. Uma vez ocupadas as terras devolutas da Colônia, áreas de particulares foram loteadas dando origem, dentre outras, a Rio Pardense, Faxinal de Dentro, Colônia Germânia (Candelária), Entre-Rios, Formosa, Trombudo, Pomerânia, Chaves, Linha João Alves, Cerro Alegre, São João da Serra, Pinheiral, Linha Nova e outras.

A formação de colônias alemãs em regiões restritas, de modo compacto, aliado ao isolamento social e político, assim como ocorreu na Colônia de Santa Cruz, possibilitou a manutenção dos costumes e da cultura germânica, bem como, a formação de uma identidade teuto-brasileira. Segundo Woodward (2000) a identidade é marcada pela diferença e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica. Seyferth (1994, p.13) afirma que a emergência da identidade étnica em questão é “decorrência do contato e do próprio processo de colonização, que produziram tanto uma cultura camponesa compartilhada com outros grupos imigrados, como uma cultura tipicamente teuto-brasileira”. A manutenção do *Deutschtum*, ou germanismo, o sentimento de pertencimento étnico a pátria de origem, caracteriza esta população como teuta, laço evidenciado pelo uso cotidiano da língua alemã. Cabe aqui ressaltar o estranhamento desta língua perante lusos e outros imigrantes, dificultando a comunicação (GERTZ, 1994). *Deutschtum* é entendido como o *Volkstum* alemão, que por sua vez é definido pelo conjunto de características de um povo. Assim, o *Volkstum* alemão “englobava a língua, a cultura, o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade a Alemanha, enfim, tudo que estava relacionado a ela, mas como nação e não como Estado” (GANZ, 2004, p. 114). A expressão “brasileiros” é entendida no âmbito da cidadania, quando ao chegar no novo lar, assumem o Brasil como nova pátria e assim se consideram cidadãos brasileiros e lutam por direitos como tais.

A formulação ideológica de uma comunidade étnica teuto-brasileira partiu, pois, da própria visibilidade de diferenças sociais e culturais em relação à sociedade brasileira mais ampla; diferenças associadas à colonização e à conservação de costumes e tradições trazidas da Alemanha (SEYFERTH, 1994, p. 15).

Definimos como comunidade étnica aqueles que compartilham usos e costumes comuns com base nas diferenças. Etnicidade pode ser definida como um conjunto de identificadores culturais com base na descendência comum, sendo a origem alemã o elemento étnico fundamental (SEYFERTH, 1994 apud WEBER, 1971; COHEN, 1978). Deste modo comunidade étnica teuto-brasileira, foi definida por seus membros através da preservação e manutenção dos hábitos trazidos pelos imigrantes, inclusive através da intensa vida social expressa pelas muitas associações que assumiram forte caráter étnico, como as sociedades de tiro. As

Schützenvereine, chegaram a formar federações regionais. “A imprensa teuto-brasileira também serviu para reafirmar valores étnicos” (SEYFERTH, 1994, p. 15).

Dessa forma, como já assinalara Seyferth em uma análise mais macro da questão, a concentração de imigrantes e descendentes de alemães – como ocorreu em Santa Cruz – culminou numa organização comunitária própria, necessária em função da omissão do Estado. A escola, a religião, e posteriormente as associações recreativas e culturais, possibilitaram a preservação da língua materna, pelo uso cotidiano que dela faziam. A organização comunitária, embora a princípio estivesse destituída de motivações étnicas, assumiu, no contexto do contato com outros grupos étnicos e culturais, sua germanidade (VOGT, 2000, p. 10).

A partir do final do século XIX e início do século XX, as colônias alemãs vão, paulatinamente, se afirmando como teuto-brasileiras. De acordo com Seyferth (1994, p. 20) “a identidade teuto-brasileira foi preservada com todas as suas implicações: um grupo étnico distinto, com pretensão à endogamia, etnocêntrico, mas também brasileiro”. Os imigrantes alemães e seus descendentes no RS não apenas incorporaram a nova denominação, como também procuraram formas de se representar como tal (MAZO, 2007).

As associações esportivas podem ser vistas “como um mecanismo de afirmação da identidade cultural teuto-brasileira” (MAZO, 2007, p. 494). Através de símbolos e representações, as associações de tiro ao alvo atuam, no momento histórico específico, como representações da identidade étnica teuto e teuto-brasileira. Segundo Woodward (2000) a identidade adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais é representada. A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos. Compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas, como “estratégia para o enfrentamento das adversidades e como demonstração de unidade” (MAZO, 2007, p. 493). Deste modo, “o associativismo se constituiu enquanto expressão de consciência coletiva dos teuto-brasileiros” (MAZO, 2007, p. 492).

O associativismo teuto no Rio Grande do Sul inicia na segunda metade do século XIX. Nos anos que antecedem 1850, as preocupações dos imigrantes estavam voltadas para a produção da vida material. Os colonos lutavam apenas para assegurar sua “sobrevivência biológica” (ROCHE, 1969, p. 643). Após a década de 50 do século XIX, percebe-se uma significativa ascensão econômica o

que permitiu que se preocupassem com o lazer e com a afirmação do grupo perante a sociedade rio-grandense. “As sociedades somente apareceram quando os comerciantes adquiriram certa prosperidade e os *Brummer* despertaram o *Deutschtum*, o germanismo” (ROCHE, 1969, p. 644). *Brummer* é a denominação dada aos ex-combatentes alemães trazidos ao Brasil para lutar em conflitos contra a Argentina em 1850. Este novo contingente de imigrantes estava fortemente influenciado pelo ideário nacionalista e foram importantes para a criação de instituições voltadas ao grupo étnico específico.

Nas regiões de colonização alemã do RS, as sociedades de atiradores, conhecidas como *Schutzenverein*, marcavam a presença dos imigrantes. As primeiras sociedades de tiro surgiram da necessidade dos colonos de se congregarem para divertimento e lazer, como também, para treinarem com suas armas para a caça e para a defesa de seus lares. “Podia-se dizer que não existia uma picada na colônia que não tivesse uma linha de tiro” (OLIVEIRA, 1996, p. 160).

Eram sociedades de proteção mútua, defesa civil e promoção social. Os “atiradores” tinham um treinamento paramilitar (...). Seu treinamento permitia que executassem todas as tarefas necessárias para a defesa civil nas comunidades. Casos de enchentes, incêndios, tempestades, epidemias etc. eram assuntos em que se envolviam. A par deste serviço público, mantinham uma vida social intensa nas comunidades (ZH, p. 70, 2009).

As sociedades e clubes de tiro ou atiradores eram no princípio exclusivamente masculinas. Além das sociedades propriamente de tiro ao alvo, muitas praticavam além do tiro, outras modalidades, como bolão e cavalaria. Ao lado das associações de canto, as associações esportivas voltadas para a prática do tiro, foram as mais difundidas nos municípios de grande área rural (SILVA, 2006).

A importância das sociedades de tiro pode ser comparada às Corporações de Atiradores na Alemanha Medieval. Estas corporações visavam treinar seus elementos no manejo das armas, além de cultivarem o sentimento pátrio, a camaradagem e a recreação. Seus objetivos eram a defesa contra os abusos dos senhores feudais e do poder real, além de proteção de suas cidades e comércio contra saqueadores e invasores. Em tempos de paz, os participantes destas corporações organizavam competições de Tiro. Com o surgimento dos exércitos

organizados e permanentes, as corporações foram perdendo suas características guerreiras, restando apenas os folguedos do *Schutzenfest* (PETRY apud SEYFERTH, 1982). Em muitos lugares da Alemanha, a festa dos atiradores durava uma semana inteira (PETRY apud KOEHLER, 1982). As formas da festa evoluíram, mas permaneceu a finalidade. O atirador mais hábil era aclamado o Rei do tiro, representando a consciência de independência dos cidadãos num ambiente alegre (SEYFERTH, 1974). Com o tempo, a importância da corporação diminuiu até ser extinta, enquanto emergia dela a Sociedade dos Atiradores.

Segundo Ramos (2000) eram as festividades e eventos promovidos pelas sociedades a expressão máxima da germanidade, sendo que estavam sempre inseridas no bojo de acontecimentos cuja origem estava na Alemanha unificada. As atividades das associações eram determinadas internamente e através dos estatutos que se estabeleciam os posicionamentos da sociedade e suas festividades.

A *Schutzenfest* (festa dos atiradores) organizada nas sociedades de tiro do Rio Grande do Sul, era a comemoração mais esperada do ano. Realizada, normalmente, em um domingo, era marcada pelas provas de tiro, escolha do Rei e grandes festejos com música, dança e cerveja. Tiro ao Rei (*Konigschiess*), era como se denominava o torneio onde quem tivesse o maior número de pontos era considerado Rei e os dois seguintes colocados, os cavalheiros. Ao rei se impunha uma faixa, geralmente de couro com placa de prata e a data da competição. A colocação da fita simbólica no campeão, era comemorado com um baile no dia da conquista, ou noutro dia, muitas vezes na data de aniversário da sociedade (LIMA apud MORAES, 2001). Vogt (2004, p. 165) faz referência a festa no *Schutzenverein* de Venâncio Aires:

O associado que, nos torneios realizados durante o ano, obtiver a melhor performance torna-se rei. Recebe, juntamente com o primeiro e o segundo cavalheiro, uma medalha a título de condecoração. Antigamente recebia um talabarte, que era uma faixa de couro onde eram fixadas as medalhas. Na festa do rei, que atualmente é realizada no período da tarde, após a cerimônia de coroamento do rei, acontece o baile. A primeira valsa é do rei, com sua acompanhante. Uma segunda valsa é dançada pelos reis e sua acompanhante de outras sociedades de atiradores presentes. Antigamente o coroamento do rei se dava através de cerimonial que envolvia as *Konigmadchen*, que eram meninas de cerca de 10 anos

– uma rainha e duas princesas – que declamavam poesias para o rei e os dois cavalheiros e condecoravam com medalhas, faixas e flores aos campeões de tiro. A primeira valsa era dançada com as meninas.

Müller (1978) descreve a festa na Sociedade de Tiro de Lomba Grande, zona rural do município de Novo Hamburgo. Segundo o autor a “*Schützen-halle*” ou na linguagem popular “*Shiesshalle*”, foi por muitos anos o centro social da localidade, onde eram realizados bailes, diversões, teatros, festas, casamentos. “Nos domingos à tarde uma boa parte da população mais próxima fazia dela seu objetivo. Jogava-se bolão, cartas ou havia grupos de conversas. Os namorados da vila lá se encontravam” (p. 110). Um domingo por ano, era realizada a festa da Sociedade, dia marcado pelas provas de tiro e escolha do Rei dos atiradores. A vila se reunia para festa anual. As provas iniciavam pela manhã. O almoço poderia ser feito na própria sociedade ou na casa de amigos. À tarde as provas continuavam, em meio a grupos de conversas e cartas, de vendas e compras e da bandinha que animava a ocasião. Ao entardecer, a proclamação do novo Rei do Tiro, o atirador vitorioso nas provas do dia, era marcada com uma cervejada. O estande de tiro masculino ficava a aproximadamente 300 metros e os atiradores usavam fuzis com luneta. O estande feminino estava a uma distância de 50 metros e as mulheres usavam armas de salão. No próximo domingo era realizado o “*Königs-Ball*”, o Baile do Rei. Um grupo de pessoas enfeitava o salão com guirlandas verdes e papel crepom colorido. Aproximadamente as 20 horas, uma bandinha acompanhava a diretoria da sociedade em marcha até a casa do Rei ou outro ponto combinado previamente, para conduzi-lo com honras até o salão. A diretoria acompanhada pelo rei e cavaleiros se colocava em frente ao palanque condecorado com os alvos. Eram entregues as medalhas aos vitoriosos e ao Rei o talabarte real, onde a cada ano eram colocadas as medalhas reais. Após breve discurso iniciava-se o baile. A abertura era marcada pela Polonaise do Rei e cavaleiros com suas acompanhantes. Após o baile o alvo era fixado na sociedade em ordem cronológica com os demais. Infelizmente, durante a Segunda Guerra Mundial, foram queimados devido as inscrições em alemão (MÜLLER, 1978).

Seyferth (1974) em sua pesquisa a respeito da colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim, aborda a importância da Sociedade de Caça e Pesca para a região. A

Schützenverein de Brusque buscava manter as tradições e reunia a maior parte dos colonos de origem alemã na *Schutzfest*, um festejo para além das portas da associação, uma festa da colônia. Era realizada anualmente durante o período de Páscoa. Se caracterizava como um elo de aproximação e a forma mais ampla de convivência dos colonos, que ficavam isolados a maior parte do ano nas suas propriedades. Embora o *Schützenverein* fosse criado com a finalidade de praticar o tiro ao alvo e outros esportes, suas atividades concentravam praticamente toda a vida recreativa e cultural dos colonos. Fundado em 1866, teve suas atividades interrompidas durante a II Guerra Mundial, sendo fechado por intervenções policiais, reabrindo sem conservar as características originais.

A primeira referência sobre a prática do tiro ao alvo no estado do Rio Grande do Sul, aparece em 1852, “quando um súdito prussiano de nome Miguel Kroff, solicita ao presidente da Província licença para estabelecer na várzea uma casa de divertimentos públicos, onde haveria uma linha de tiro ao alvo” (OLIVEIRA, 1996, p. 160). Desde então foram muitas as associações que promoveram a prática do tiro ao alvo no estado. A primeira sociedade fundada no RS foi a *Schützengilde* no ano de 1863 em Santa Cruz do Sul.

Na capital, Porto Alegre, a *Deutscher Turnerbund Schützverein* (atual Sogipa) ou Sociedade Alemã de Ginástica e Tiro, foi fundada em 1869, quando da implantação do primeiro regulamento de tiro na sociedade. Em março de 1870, a associação realizou o primeiro torneio de Tiro ao Rei, consagrando-se o Rei Sr. Johann Heinz que repetiu o feito em 1886 em torneio promovido pela Federação de Tiro do Rio Grande do Sul. Segundo Rambo (1999, p. 314) a “Sociedade de Tiro de Porto Alegre sempre cultivou em seus associados o espírito do amor à pátria (...), com a finalidade de promover o bem comum da comunidade inteira”. Em 1876, houve a separação em *Deutscher Turnverein* (Sociedade de Ginástica) e *Deutscher Schützverein* (Sociedade de Tiro ao Alvo) (RAMBO, 1999; MAZO, 2010).

Além desta, Porto Alegre sediou inúmeras associações voltadas para a prática do tiro ao alvo, entre elas: o *Musterreiter-Club* (Clube dos Cavaleiros de Amostra), em 1885, posteriormente denominado Clube dos Caixeiros Viajantes de Porto Alegre e atual Associação Sul-Rio-Grandense dos Viajantes Comerciais; a Sociedade de Tiro ao Alvo Harmonia, fundada em 1896 sob liderança de Josef

Muller; e o Esporte Clube Navegantes, no ano de 1907 (MAZO, 2010; RAMBO, 1999).

Em 1885 é criada a Federação das Associações de Tiro pela Sociedade Alemã de Tiro de Porto Alegre. O primeiro torneio de tiro ao alvo da Federação aconteceu em abril de 1886, em São Leopoldo, com 109 atiradores (RAMBO, 1999). Neste mesmo ano (1886) é fundada a *Schützenbund für Rio Grande do Sul*, que congregava sociedades de tiro e realizava periodicamente as festas dos atiradores (GRÜTZMANN, 2008).

Ainda, em 1905/1906, é criado na capital o Tiro Nacional Pôrto Alegrense, que no ano de 1917 foi incorporado a Confederação dos Tiros Brasileiros recebendo a denominação de Tiro de Guerra n. 4. A instituição foi fundada pela Escola de Guerra, 25º Batalhão de Infantaria, Brigada Militar, Tiro Alemão, Clube de Regatas Almirante Barroso e Clube Caixerai. Os exercícios de tiros eram realizados nas dependências do Tiro Alemão. Sendo posteriormente construída a Linha de Tiro na Rua Benjamin Constant, pelos soldados do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar (MAZO, 2010).

São Leopoldo, berço da colonização alemã no RS, teve sua primeira associação de atiradores em 1878. Segundo Ramos (2000, p. 122), participavam da associação “um número expressivo de homens pertencentes à elite urbana da cidade, incluindo-se entre eles alemães e teuto-brasileiros. Pertenciam, em sua maioria, ao comércio e à indústria e eram pessoas marcantes, de distinção na sociedade. Em 1883 é criado o Clube de Tiro desdobrado da Sociedade de Atiradores de 1878, tendo a mesma finalidade. Infelizmente, ambas associações não resistiram ao tempo (MULLER, 2001).

Em 1893 o Rio Grande do Sul é palco da Revolução Federalista (1893-1895). De acordo com Seibt (2009/ZH), as sociedades de atiradores foram as responsáveis pela ordem e proteção das colônias da região serrana durante o conflito. Rambo (1999, p. 314), concorda que “a disciplina das armas exercitada durante muito tempo, permitiu que (...) se formassem com rapidez as defesas da colônia, protegendo casa e propriedades da pilhagem, dos incêndios e de assassinatos por parte dos bandos sem lei”. Segundo VOGT (2006) os alemães participaram ativamente na Revolução, seja protegendo seus lares ou em confronto direto. Santa Cruz do Sul, Nova Petrópolis, São Sebastião do Caí, Taquara, Montenegro, Estrela,

Lajeado foram algumas das cidades molestadas por piquetes de maragatos ou de republicanos, ou mesmo de ambas as facções. Atos de pilhagem, vandalismo, roubo e recrutamento forçado ocorreram em várias das localidades. Porém, para Santa Cruz do Sul, foco deste estudo, não existe nenhuma evidência de que as associações de tiro ao alvo da região tenham atuado como milicianos. Ainda Vogt (2006, p. 223) afirma que

Ao invés de procurarem encontrar alternativas individuais para a falta de segurança, optaram por soluções coletivas que envolviam o conjunto da comunidade. Para que isso fosse possível, relações de confiança recíproca e espírito de solidariedade necessariamente deviam estar presentes no grupo. Já nos casos em que se engajaram numa das facções em litígio, participando diretamente de combates durante a Revolução Farroupilha ou da Revolução Federalista, isso deve ser creditado aos vínculos políticos e ideológicos que tinham ou aos interesses que procuravam defender. Em todo caso, essa participação jamais pode ser vinculada à existência de sociedades de atiradores ou de cavalarianos. As sociedades de atiradores visavam perpetuar uma antiga tradição alemã de torneios de tiro ao alvo.

Mundialmente, o ano de 1896, é marcante na história do tiro. Pela primeira vez o esporte do tiro ao alvo participou nos Jogos Olímpicos, em Atenas, evidenciando a prática e assinalando a oficialização do esporte. Segundo Ferreira (1986) foram realizadas cinco provas: 1) Pistola Livre com 30 tiros a 30 metros; 2) Tiro Rápido a 25 metros; 3) Fuzil Livre em 3 séries de 40 tiros a 330 metros; 4) Fuzil Livre Individual a 200 metros; 5) Revólver Militar a 25 metros. Já no ano seguinte (1897), é realizado o Primeiro Campeonato Mundial, organizado pela Sociedade de Tiro francesa na cidade de Lyon.

No Brasil, a implantação da República do Brasil (1889), faz crescer a preocupação com a reestruturação do Exército Brasileiro enfraquecido desde a Campanha do Paraguai. Por iniciativa do então presidente Floriano Peixoto e do Ministro de Guerra Gen. Hermes da Fonseca, foram construídas inúmeras linhas de tiro em todo o território nacional. Em consequência, no Rio Grande do Sul foi fundado em 1899 o Tiro Nacional, que além de incrementar a prática do tiro ao alvo entre militares e civis, tinha por finalidade coordenar as atividades das sociedades de tiro.

A partir do século XX, observa-se a instituição do “tiro de guerra” nas sociedades de atiradores, cuja finalidade era instruir militares e civis para formar reservistas. Segundo Roche (1969, p. 646), consistia em um “organismo de preparação militar, cujos instrutores, membros e alunos eram quase todos de origem germânica” e “um dos principais focos de assimilação dos teuto-rio-grandenses.” Segundo Ferreira (1986), o tiro de guerra deve-se ao gaúcho Antonio Carlos Lopes e provém de uma sociedade de tiro ao alvo com objetivos militares formada em Rio Grande no ano de 1902.

Segundo Rambo (2001), o primeiro Tiro de Guerra (TG) do estado foi fundado em 1905, com o nome de “Tiro Brasileiro nº4” na cidade de Porto Alegre, a partir da Sociedade Alemã de Tiro de Porto Alegre. A partir de então os Tiros de Guerra vão ganhando força e angariando adeptos sendo fundadas diversas instituições no estado do Rio Grande do Sul. Olavo Bilac, poeta e militante da “causa”, fez multiplicar tais associações com sua pregação.

Em 1906, é criada a Confederação do Tiro Brasileiro (CTB) pelo Decreto nº 1503 com sede em Rio Grande. A CBT estava subordinada ao Estado-Maior do Exército e reunia todas as Sociedades de Tiro existentes. Tinha por objetivo estimular e metodizar a prática do tiro, além de promover a criação de novas entidades.

No ano seguinte (1907) é criada na França a União Internacional de Tiro (UIT), primeira entidade desportiva internacional a tratar dos interesses da prática do tiro, com o objetivo de nortear e apoiar as demais federações. A Federação Francesa teve papel relevante na formação da União, sendo estabelecido como língua oficial da direção dos certames o francês. Em 1910 a Prova de Fuzil de Guerra é incluída na Programação do Campeonato Mundial. Com a eclosão da I Guerra Mundial a União é desfeita. Porém, consegue se reestabelecer no ano de 1921, permanecendo ativa até o ano de 1939 (FERREIRA, 1986).

No Rio Grande do Sul, a proliferação de associações continuava. No ano de 1909 era fundada a Associação Cultural Recreativa Linha Nova em Nova Petrópolis (Seibt, Zero Hora, 08/05/2009 p. 70). No livro de Deppe (1988) encontramos depoimentos referentes a sociedade de tiro da localidade. Nestes destacamos a confecção das bandeiras da associação, que conforme Leonda Pfeiffer, eram costuras em um lado com o símbolo da sociedade e do outro a bandeira brasileira.

Ainda, a entrevistada diz que na inauguração da bandeira as moças iam à frente espargindo flores. Segundo o depoimento de Avelindo Michaelsen, presidente por muitos anos da Sociedade de Tiro ao Alvo, às quartas-feiras a bandinha de música saía à rua e ia de casa em casa tocando peças. Os moradores ofereciam dinheiro, cerveja, cuca e linguiça enquanto o presidente se encarregava de fazer o convite para o baile da noite.

Com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e as primeiras ações nacionalizadoras muitas sociedades de tiro tiveram suas atividades paralizadas, foram “abrasileiradas”, enfrentaram variados problemas para se manter e até mesmo algumas foram fechadas. Porém, após a IGM cresce o sentimento de união entre os teuto-brasileiros e a busca pela preservação de sua identidade cultural (MAZO, 2007).

Entre as ações nacionalizadoras instituídas pelo governo brasileiro, estava a Lei n. 3.361 decretada em vinte e seis de outubro de 1917 com a finalidade de transformar as associações de atiradores em Tiros de Guerra (RAMOS, 2000). No mesmo ano foi criada a Direção Geral do Tiros de Guerra em substituição a Confederação do Tiro Brasileiro com sede no Rio de Janeiro, junto ao Ministério da Guerra (FERREIRA, 1986). Hoje, há no Brasil 2000 instituições de tiros de guerra com o objetivo de formar reservistas para o Exército brasileiro (Zavaschi, Zero Hora, 10/03/2009, p.46).

Em 1920, o Brasil é convidado a participar pela primeira vez dos Jogos Olímpicos na Antuérpia, Bélgica. Foram definidas a participação de 25 atletas em cinco práticas esportivas, dentre estas o Tiro ao Alvo com uma equipe composta por sete atletas: Dr. Afrânio Antônio da Costa, Tenente Guilherme Paraense, Sebastião Wolf, Dr. Fernando Soledade, Tenente Mário Machado Maurity, Tenente Demerval Peixoto e Mário Barbosa (Fig. 01). Estes nomes foram importantes no desenvolvimento do esporte do tiro no Brasil e no Rio Grande do Sul. Após uma viagem turbulenta com inúmeras dificuldades, a equipe brasileira retorna ao país com a primeira medalha de ouro olímpica do Brasil, Guilherme Paraense conquista a vitória na prova do Revólver a 30 metros. Afrânio Antônio da Costa, gaúcho, recebeu a medalha de prata em Pistola a 50 metros (RIBEIRO, 1994; FERREIRA, 1986).



Figura 1: Equipe brasileira de tiro que participou das Olimpíadas em 1920
 Fonte: Ribeiro, 1994

O bom resultado da equipe brasileira nas Olimpíadas da Antuérpia (1920) foi um dos fatores que muito contribuiu para a criação da Federação Brasileira de Tiro (FBT) em 1923. Segundo Ferreira (1986) foi por empenho de Afrânio Costa que a FBT foi estruturada e o Tiro Nacional alcançou sua maioria. A Federação deveria agir como uma continuação do trabalho da já desestruturada Confederação do Tiro Brasileiro, além de organizar campeonatos nacionais. Ainda no mesmo ano o Brasil se filia a UIT. Em 1927 a Federação foi substituída por associações estaduais. Em 1935 a FBT foi recriada (FERREIRA, 1986).

Em 1942, ano em que o Brasil entra na guerra contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), ocorre a extinção da Federação Brasileira de Tiro e criação da Confederação Brasileira de Caça e Tiro (CBCT). Segundo Ferreira (1986, p.149) o tiro ao alvo foi “rebaixado a uma simples situação de departamento, de uma Confederação completamente divorciada dos interesses do esporte amador”.

Com a instituição do Estado Novo (1937-1945), implantação da campanha de nacionalização e a deflagração do conflito da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) as sociedades de tiro sofreram opressões determinantes para a vida associativa dos teuto-brasileiros.

5. SANTA CRUZ DO SUL, *EINE DEUTSCHE SCHÜTZENKOLONIE* – Santa Cruz do Sul, uma colônia alemã de atiradores

A Colônia de Santa Cruz no Município de Rio Pardo foi fundada no ano de 1849, quando da chegada dos primeiros imigrantes alemães. Em 19 de dezembro, doze imigrantes alemães foram assentados às margens da recém aberta Estrada de Cima da Serra, caminho que deveria ligar o entreposto comercial de Rio Pardo com os campos de gado localizados no planalto. Nesta época já não havia indígenas na região, anteriormente habitada por Tupiguaranis, mas ainda havia o perigo de alguns animais ferozes.

Vieram de Porto Alegre a Rio Pardo pelo Rio Jacuí, e da Cidade Histórica aos lotes coloniais, na Picada Santa Cruz, em carretas de duas rodas, puxadas por várias juntas de bois... Depois de horas de viagem, passando por campos e pelo Faxinal de João Faria, iniciam a subida da serra e finalmente chegam... às terras devolutas, ao novo lar a ser erguido em plena mata virgem (MARTIN, 1979, p. 17).

A estrada facilitou a instalação dos colonos na área. A primeira Picada da Colônia denominada de Picada Velha ou "*Alte Pikade*", atualmente conhecida como Linha Santa Cruz, foi estabelecida na serra, pois lá estavam as terras devolutas. As terras planas e os campos estavam ocupadas por latifundiários. Com o desenvolvimento da região foram se estabelecendo na Colônia muitas linhas e picadas, dentre elas Rio Pardinho, Dona Josefa, Linha Andréas, Sinimbu, Vila Tereza e Ferraz (MARTIM, 1979; AZAMBUJA, 2000; VOGT, 2001).

Na região do vale, foi estabelecida em 1852, a Picada Nova, ligada a Picada Santa Cruz pelo Travessão ou Linha Travessa. Conhecida por Rio Pardinho, é distrito do município de Santa Cruz do Sul e solo de muitas sociedades de atiradores ainda em atividade.

Ainda em 1852, o governo provincial sanciona a desapropriação das terras de João Faria, latifundiário da região, para estabelecer na área a nova povoação de Santa Cruz. Segundo Wink (2000), a escolha da área recaiu sobre o Faxinal, "devido a abundância de água, fornecida por diversos córregos que cruzavam o vale em direção ao Rio Pardinho, e por situar-se junto ao entroncamento das Picadas de

Santa Cruz e Rio Pardinho e a estrada rumo a Rio Pardo. Enquanto a área colonial, iniciada na Picada Velha, desenvolvia-se, inclusive com a abertura de novas linhas, iniciaram-se, em 1854, os trabalhos de demarcação e medição da povoação sob jurisdição do Capitão Tenente d'Armada Francisco Cândido de Castro Menezes. Assim, o ano de 1854 marca o início do povoamento do Faxinal de João Faria, origem da atual cidade de Santa Cruz do Sul (WINK, 2000; VOGT, 2006).

Para a demarcação das colônias ou lotes na Colônia de Santa Cruz utilizou-se o sistema *Strassendorf* (Fig.2). Os lotes eram ditribuidos ao longo da estrada principal e do rio. Desta forma, eram estreitos ao longo da estrada, mas extendiam-se numa longa faixa retangular para o fundo, muitas vezes até o divisor de águas. Na Alemanha, este modelo recebia a denominação de *Wandhufendorf* (...) e era característico das regiões montanhosas do norte. Os imigrantes da Colônia vieram na maioria da região sul e oeste, mas devido a conformação do relevo e possivelmente por influência dos diretores da colônia, foi adotada tal demarcação (CORREA e ETGES, 2002).



Figura 2: Mapa da Colônia de Santa Cruz.
Fonte: LOEFFLAD, 1952.

Em meados de 1855 chegaram à Colônia novos contingentes de imigrantes e migrantes, entre eles, 10 soldados do 2º regimento de Artilharia e do Batalhão 14 de Infantaria, tendo cada um recebido um quarto de um lote na Picada. Estes soldados são *Brummer*¹ referidos anteriormente neste estudo. Este fato é evidenciado em

¹ *Brummer* é a denominação dada aos ex-combatentes voluntários que lutaram na guerra contra a Dinamarca pela libertação dos ducados de Schleswig e Holstein na Alemanha, em 1848 e 1849. Devido a política agressiva da vizinha Argentina após a posse do presidente Rosas (...), o Governo Imperial envia, em 1849, o agente Sebastião do Rego Barros à Alemanha para contratar mercenários. O momento era oportuno devido a desmobilização dos soldados voluntários que haviam lutado contra a Dinamarca. Partiram de Hamburgo 1800 homens, entre eles 50 oficiais, com destino ao Brasil. Após 4 anos de serviço e terminada a campanha contra o Rosas, foram desincorporados e receberam lotes nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul, conforme o acordado em contrato (DREHER, 2008).

uma carta enviada por Menezes ao governo provincial onde afirma a distribuição de terras à ex-soldados alemães. A carta está transcrita no livro de Hardy Martin de 1979.

Em 1857, teve início a colonização de Sinimbu, com a chegada do primeiro imigrante, João Backes, quatro anos após seu embarque na Alemanha. Sinimbu foi distrito de Santa Cruz até 1992, ano de sua emancipação. Dois anos após, a Povoação de Santa Cruz é elevada à categoria de Freguesia conforme a Lei n.º 432 de 1859. No mesmo ano, surge “nas terras devolutas da margem esquerda do Arroio Castelhana, no Rio Taquari, uma nova Colônia que denominará Mont’Alverne”, que “já em janeiro de 1860 ficou subordinada a Santa Cruz”, sob custódia do vice-diretor da mesma (MARTIN, 1979, p. 121).

Em 1872, deu-se a emancipação da Colônia de Santa Cruz, passando, então, a integrar o 3º distrito de Rio Pardo. Em 1878, devido ao elevado desenvolvimento da Freguesia, Santa Cruz passa a município (Fig. 3). Em 1905, juntamente com a inauguração da Estação Ferrea, é fundada a cidade. No ano de 1944 a Vila São João de Santa Cruz passou a chamar-se Santa Cruz do Sul (BURGOS et al., 2005).



Figura 3: Mapa do Município de Santa Cruz em 1922.
Fonte: CEDOC UNISC.

Santa Cruz caracteriza-se como um empreendimento público, ou seja, uma colônia fundada e gerida por iniciativa da Província de São Pedro. Ao longo dos anos desenvolveu-se sob a supervisão de diversos diretores: Buff, Bartholomay, Mabilde, Karl Trein e Schwering.

A colônia de Santa Cruz progrediu rapidamente, tendo como mais importantes mercados as cidades de Rio Pardo e a capital da Província. Desde cedo a produção de tabaco tornou-se o carro-chefe da economia não somente de Santa Cruz, mas de todas as colônias da circunvizinhança (Fig. 4) (VOGT, 2006).

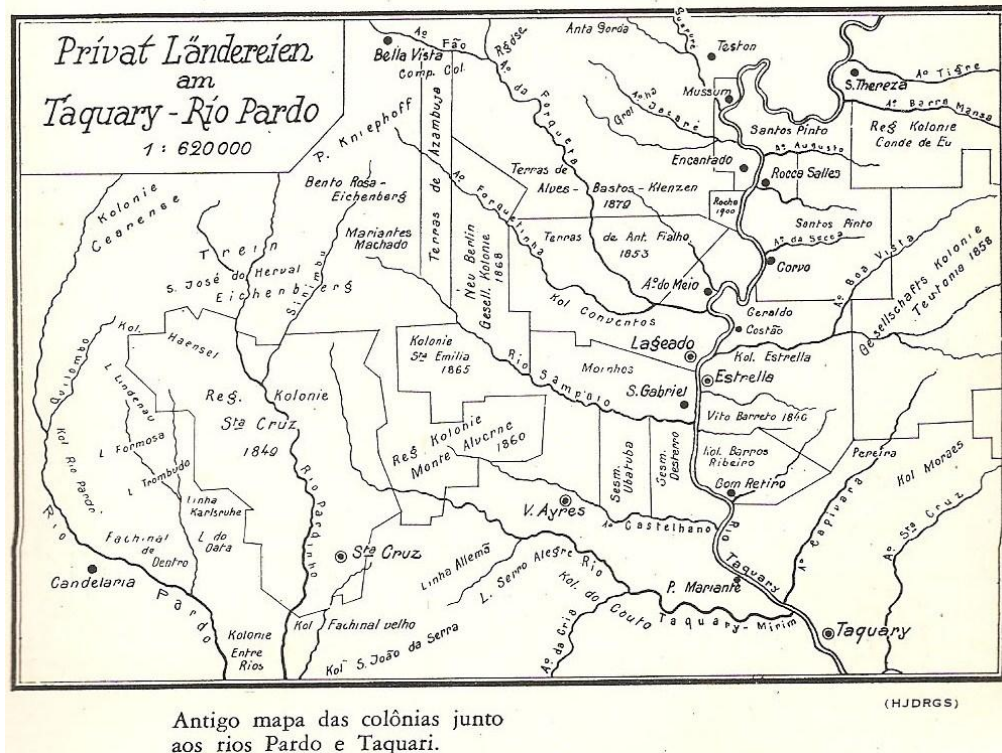


Figura 4: Colônias de população de origem germânica surgidas durante o século XIX nos vales dos rios Taquari e Pardo.
Fonte: Roche, 1969.

Segundo a relação encontrada no livro de Martin (1979), os primeiros imigrantes da região vinham da região da Silésia e da Prússia. Porém,

o designativo prussiano, não raro, é um problema, quando se busca identificar a origem de alguns dos emigrados, pois a Prússia, ao longo do tempo, foi incorporando estados vizinhos a seu território. Assim pode acontecer que tanto o emigrante da Pomerânia quanto o do Palatinado cheguem ao Brasil com passaporte prussiano, o mesmo acontecendo com o silésio, que pode ter sobrenome polonês (DREHER, 2008, p. 8).

Ainda Dreher (2008) afirma que os colonos de Santa Cruz provinham, majoritariamente, da Renânia, Pomerânia, Silésia e migrantes da colônia de São Leopoldo.

Nos primeiros anos, os imigrantes da Colônia de Santa Cruz foram abandonados pelo Governo Provincial no que diz respeito ao ensino e orientação religiosa. Vale salientar que aos colonos fora proibido o sistema escravagista, sendo que a Lei Áurea fora assinada apenas no ano de 1888. Foram os próprios imigrantes, graças ao seu espírito associativista, que se encarregaram de erguer igrejas e uma ampla rede de escolas particulares em língua alemã, mantidas em atividade por toda a zona rural. Sem muito tempo para o lazer e a diversão, devido ao intenso trabalho desenvolvido nos primeiros anos, as sociedades só começaram a se formar de modo mais freqüente a partir de 1860. Sendo assim, as primeiras sociedades (*Vereins*) surgiram em Santa Cruz após os colonos terem superado as dificuldades de subsistência dos primeiros anos de colonização (MARTIM, 1979; VOGT, 2001).

Segundo Vogt (2001, p. 10)

a concentração de imigrantes e descendentes de alemães – como ocorreu em Santa Cruz – culminou numa organização comunitária própria, necessária em função da omissão do Estado. A escola, a religião, e posteriormente as associações recreativas e culturais, possibilitaram a preservação da língua materna, pelo uso cotidiano que dela faziam. A organização comunitária, embora a princípio estivesse destituída de motivações étnicas, assumiu, no contexto do contato com outros grupos étnicos e culturais, sua germanidade.

A tendência da população a se unir em sociedades ou associações com fins econômicos, esportivos, recreativos, culturais, beneficentes e de socorro mútuo é uma das características das regiões de colonização alemã. Numericamente, predominaram as *Vereins* voltadas à atividades culturais e desportivas. Em Santa Cruz, não foi diferente.

Para Loefflad (1952, p. 227), a intensa vida social de Rio Pardo, atual distrito de Santa Cruz do Sul, representava o desenvolvimento cultural e econômico da região. O espírito de sociabilidade resultou na fundação de muitas sociedades, tendo destaque aquelas onde se praticava o tiro ao alvo. “O esporte exercia uma atração toda especial sobre aqueles modestos, mas bem dispostos agricultores, que procuravam nas entidades desportivas o passatempo e uma oportunidade para habilitar-se nas práticas esportivas.” Porém, este feito só foi possível quando os colonizadores adquiriram certa estabilidade econômica e “já se havia providenciado

para que não faltasse a instrução por meio das escolas e a vida religiosa através das igrejas” (LOEFFLAD, 1952, p. 229).

Até 1875, havia relativamente poucas sociedades em funcionamento. Foi a partir da década de 1880 que as associações esportivas e recreativas proliferaram em Santa Cruz do Sul. Já em 1896 havia cerca de cem sociedades diversas, a maioria das quais recreativas. Em 1924 estavam registradas no município 97 associações. Enquanto, no mesmo ano, o município vizinho Venâncio Aires possuía 48; em Taquara contabilizou-se 24; em Rio Pardo havia 22; em São Lourenço totalizava 19; em São Leopoldo havia 15; em Cerro Azul eram 10; em Lajeado e em Santo Ângelo tinha sete em cada uma; em Sobradinho quatro. Em 1938 já eram contabilizadas cerca de 103 associações em Santa Cruz, principalmente de tiro, bolão e cavalaria (VOGT, 2001).

Até 1937 a principal língua falada no município era o alemão. Não especificamente o original alemão alto, mas sim uma mistura lingüística com numerosos termos e expressões novas resultantes da necessidade de designar coisas novas (KIPPER, 1994). “Usava-se habitualmente a língua alemã em quase todas as atividades sociais, culturais, religiosas e até econômicas” (KIPPER, 1994, p. 121). O uso do alemão era mais intenso no interior do município, sendo que numerosas sociedades desportivo-recreativas faziam uso deste idioma. Seus estatutos e atas eram geralmente escritos na língua alemã.

Especialmente no interior, as sociedades ajudavam a criar um espírito de união na comunidade e representavam quase as únicas oportunidades de contato social e de recreação. Outras funções das mesmas eram a manutenção dos bons costumes, a seleção social e, certamente, apesar de não expressa em seus estatutos, a preservação de suas raízes culturais, ou seja, a conservação do “Deutschtum”. Eram bastante ativas e exerciam também uma função integradora local e regional, pois os torneios, competições, festas e “bailes do rei” reuniam sociedades de várias comunidades. Tanto na vida das sociedades como na população em geral percebe-se que existe a aspiração de manter as tradições e a cultura germânica, mas isso não significava menosprezo pelo Brasil, pois consideravam-se bons brasileiros (KIPPER, 1994; VOGT, 2001).

Segundo Rambo (1999), dentre as inúmeras associações esportivas fundadas no município, 28 correspondiam as *Schützenveine* e *Schiessklubs*, todas criadas

entre os anos de 1872 à 1914. Difundidas entre as Picadas e Linhas da Colônia, faziam-se presente em maior número nas áreas de zona rural. No acervo pessoal do historiador Sr. Steinhaus, encontramos uma lista das associações esportivas e recreativas fundadas no município. Entre estas contamos igualmente 28 sociedades de tiro. Segundo Vogt (2006), em 1924, havia pelo menos 81 sociedades de atiradores nas áreas de colonização germânica, dentre as quais 30 sediadas no município de Santa Cruz.

A associação esportiva com práticas de tiro ao alvo mais antiga do estado do Rio Grande do Sul encontrada na literatura consultada denominava-se *Shützengilde*. Fundada em princípios de 1863 na cidade de Santa Cruz do Sul, compreendia as modalidades de cavalaria e tiro ao alvo. Não se sabe ao certo o dia e mês da fundação, mas a 1º de janeiro de 1864 a associação realizou sua primeira festa de confraternização. Esta data consta em um talabarte usado na *Schutzengilde*, contendo dezenas de medalhas comemorativas. “É evidente que a Sociedade foi fundada em data anterior a janeiro de 1864, o que se pode concluir comparando os inúmeros outros talabartes de Sociedades, (...) em que sempre a primeira festa ocorreu, aproximadamente, um ano após a fundação” (MARTIN, 1999, p. 103).

Schützengilde significa “Corporação de Atiradores”, o que permite inferir que esta associação tenha sido fundada pelos *Brummers* chegados à Santa Cruz em 1855. As Corporações de Atiradores na Alemanha Medieval tinham finalidades guerreiras para defender os colonos dos abusos dos senhores feudais. Os *Brummers* eram mercenários ex-combatentes na Alemanha que vieram ao Rio Grande do Sul a partir da metade do século XIX. Segundo Dreher (2008, p. 32) os *Brummers* eram pessoas de

alto nível intelectual, boa formação, princípios filosóficos e liberais e, em sua maioria, eram protestantes. Nas picadas e cidades onde se instalaram tornaram-se representantes e reivindicadores dos direitos dos imigrantes e de seus descendentes. Pode-se afirmar com certeza que, ao lado de sacerdotes jesuítas e pastores luteranos, formaram a liderança da cultura, da economia e da política entre alemães e descendentes (DREHER, 2008, p. 32).

Kilpp (2008), em seu estudo a respeito do associativismo em Teutônia, também sugere que a *Kriegerverein* (Sociedade de Guerreiros) fundada em 1874,

que em 1910 passou a chamar-se *Schützenverein* (Sociedade dos Atiradores), tenha sido fundada por *Brummers* que se instalaram na região.

Em 1863, a Colônia de Santa Cruz, tinha 3367 habitantes entre inúmeras Picadas e Linhas; a Freguesia, hoje cidade de Santa Cruz do Sul, tinha pouco mais de 500 moradores. A *Schützengilde* fazia seu treinamento de tiro nas terras do Sr. Heinrich Peter Filter, próximo ao atual Colégio Mauá. Em 1865 e 1866 foram realizadas comerações anuais na sociedade, fato confirmado pelas medalhas do talabarte da *Schützengilde*. “Devido à distância do centro da então Freguesia, até a sede da *Schützengilde*, aos 19 de julho de 1868, houve fusão desta sociedade com o *Club Union* (Clube União) fundado a 10 de Abril de 1866” (MARTIN, 1999, p. 104). Entre 1867 e 1872 não foram realizadas festividades deste gênero na Freguesia. Isto, provavelmente, contribuiu para a fundação da *Deutschen Schützenverein* Santa Cruz, a 16 de junho de 1872. No ano seguinte, 1873, a sociedade realizou com grande pompa a sua primeira festa de aniversário. “A medalha correspondente à efeméride consta no mesmo talabarte da *Schutzengilde*, o que permite concluir que os fundadores da *Deutschen Schützenverein* Santa Cruz tenham sido remanescentes da *Schützengilde*” (MARTIN, 1999). O alvo para os exercícios do tiro ficava a 125 metros inicialmente, passando depois para 165 metros. O local ficava junto a Cervejaria do Sr. Karl Shütz, que também foi o primeiro Rei da sociedade. Conforme Ata de 21 de dezembro de 1879, foi membro honorário da associação o Dr. Gaspar Silveira Martins. Em 1893, a *Deutschen Schützenverein* sediou o 3º Campeonato de Tiro.

No Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul, foi encontrado o Caderno de Atas da Sociedade Alemã de Atiradores Santa Cruz. A primeira página consta do ano de 1912 e, curiosamente, a última é de outubro de 1937, ano em que foi instituído o Estado Novo (1937-1945).

Assim como em outras colônias alemãs, as associações de atiradores de Santa Cruz do Sul promoviam eventos e festividades. Entre eles as festas de fundação e os *Königshiessen* (Tiro do Rei) eram as mais esperadas pela comunidade. A exemplo, é apresentado abaixo uma propaganda encontrada no jornal *Kolonie* de 1912 a respeito da *Königshissen* promovida pela *Deutscher Schützenverein* Santa Cruz (Fig. 5). Primeiramente, apresenta-se a fotografia da publicidade em alemão e em seguida a tradução para o português.



Figura 5: Publicidade de evento na *Deutscher Schützenverein* (Sociedade Alemã de Atiradores) Santa Cruz em 1912.
 Fonte: Kolonie, 11 de novembro de 1912

Sociedade Alemã de Atiradores Santa Cruz.

Domingo, 17 de Novembro de 1912 Rei e prêmio do tiro.

Chegada às 10h e 30min (Alliança Catholica) 12h. Recepção dos sociedades convidadas (Hotel Preuss) e marcha. 6h proclamação e distribuição do prêmio. 8h e 30min da noite.

Baile (Alliança). O secretário.

NOTA: Aquele que no desfile não participar com uniforme, perde o direito ao prêmio e Tiro do Rei.

A exemplo deste, as demais Sociedades de Atiradores de Santa Cruz realizavam anualmente a Festa do Rei. Um dia marcado pelo desfile em uniforme da associação de um ponto de encontro até os estandes de tiro, pelo torneio de tiro entre os associados, pela distribuição dos prêmios e, principalmente, pela escolha do Rei do Tiro. O melhor atirador do dia recebia a faixa de couro de campeão, o segundo e o terceiro lugar recebiam a premiação de Cavaleiros do Tiro. De acordo com as demais publicidades, os *Königfest* (Festa do Rei) eram realizados majoritariamente nos meses de setembro, outubro e novembro.

As festividades de Jubileu também eram marcadas por grandes festejos. No Museu do Colégio Mauá, em Santa Cruz, encontram-se dois alvos comemorativos

de 50 anos da *Deutschen Schützenverein* Santa Cruz no dia cinco de Novembro de 1922. Infelizmente não é permitido fotografar o acervo do museu. Os quadros possuem uma rebuscada moldura e estão escritos em alemão gótico ao centro de uma pintura detalhada e colorida. A figura de um alvo sobre duas armas cruzadas encontra-se abaixo e ao centro. Os quadros foram entregues como presente a *Deutscher Schützenverein* Santa Cruz pelas associações de tiro de Rio Pardinho *Fingerhut*, *Schützenverein Union* e *Deutscher Schützenverein Rio Pardinho*.

Atualmente, ainda encontra-se atividades de tiro nas terras da antiga *Deutschen Schützenverein* (Sociedade Alemã de Atiradores) Santa Cruz, hoje conhecida como Sociedade de Tiro, Caça e Pesca de Santa Cruz do Sul (Fig. 6 e 7). Uma lista com a relação dos sócios fundadores da Sociedade de Tiro, caça e pesca foi fornecida pelo historiador Sr. Steinhaus. Nesta constam 96 nomes majoritariamente de origem germânica. Também chama a atenção a quantidade de associados que deram origem à nomes de ruas na cidade, o que demonstra influência política e econômica. Atualmente, o esporte mais praticado no local denomina-se Tiro Prático na modalidade IPSC (*International Practical Shooting Confederation*). Segundo o dirigente do clube, Cléber Pereira dos Santos, também é praticado o tiro de carabina (Fig. 8). Estavam filiados à associação no ano de 2009, 85 homens, pagantes e ativos. A sociedade é filiada à Federação Sul Rio-Grandense de Caça e Tiro e à Federação Gaúcha de Tiro Prático. Os atiradores praticantes de IPSC participam de campeonatos pelo Brasil e RS. Ainda utilizam o local para treinamento de tiro órgãos estaduais, federais e empresas particulares como: Polícia Federal, Polícia Civil, Brigada Militar, Susepe, Guarda Militar e empresas de vigilância. O caráter étnico e a manutenção da cultura germânica não fazem mais parte do cotidiano da sociedade. Abaixo são apresentadas fotografias atuais da associação.



Figura 6: Fachada da sede da Sociedade de Tiro, Caça e Pesca de Santa Cruz do Sul, 2010.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann.



Figura 7: Placa de metal em frente a sede da Sociedade de Tiro, Caça e Pesca de Santa Cruz do Sul, com a inscrição dos anos de 1872 e 1900.

Fonte: Fotografia do acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann



Figura 8: Estande de tiro de carabina da Sociedade de Tiro, Caça e Pesca de Santa Cruz do Sul, 2010.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann

Martin (1999) cita algumas associações de tiro ao alvo fundadas no município: *Schützenverein de Rio Pardinho*, fundado em 1882; *Deutscher Schützenverein de Rio Pardinho*, fundado a 8 de abril de 1883; *Deutsch- Brazilianischer Schützenverein de Picada Santa Cruz*, fundado aos 29 de junho de 1884; *Brasilianisch-Deutscher Schützenverein*, em Vila Santa Cruz no dia 10 de outubro de 1884, sendo o primeiro Rei da associação o Sr. Ignácio Fr. Hubner; *Deutscher Schützenverein de Sinimbu*, em 17 de fevereiro de 1889; *Deutscher Schützenverein de Dna. Josefa*, fundado a 19 de novembro de 1890; *Deutscher Schützenverein de Andreas*, em junho de 1894; *Deutsch-Brazilianischer Schützenverein de Ferraz*, em janeiro de 1901; *Deutsch-Brazilianischer Schützenverein Frohsinn de Rio Pequeno*, em 1902; e muitas outras.

A fotografia abaixo é da *Deutsch- Brazilianischer Schützenverein* (Sociedade Teuto-brasileira de Atiradores) de Picada Santa Cruz, 6 anos após sua fundação (Fig. 9). Chama a atenção a disposição das armas em frente aos atiradores e a presença da banda faz inferir uma festividade. A antiga sede da sociedade (ao fundo) é hoje conhecida como “Monastério” e realiza festas na região (Fig. 10).



Figura 9: *Deutsch- Brasilianischer Schützenverein* (Sociedade Teuto-brasileira de Atiradores) de Picada Santa Cruz, 10 de agosto de 1890.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann



Figura 10: Fachada atual da antiga sede da *Deutsch- Brasilianischer Schützenverein* de Picada Santa Cruz, hoje Monastério. É possível observar na fotografia as construções (lado direito e esquerdo) que foram complementando a antiga sede ao longo dos anos. A parte a esquerda tem no topo a inscrição de 1911.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann

No Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul (CEDOC UNISC) foram encontradas fotografias das Sociedades de Atiradores do município. As fotografias, em sua maioria, contavam com referências escritas a mão no verso. As datas não estão especificadas nas referências, porém é possível encontrar um período provável para cada fotografia de acordo com as fontes consultadas e as impressões nas próprias imagens.

Dentre elas encontramos uma imagem da “Festa da sociedade de atiradores de Boa Vista” (Fig.11). Para a fundação desta associações podemos sugerir duas datas: a) 1888, correspondente ao ano de fundação da *Deutscher Schützenverein* (Sociedade Alemã de Atiradores) de Boa Vista, conforme a lista encontrada no acervo pessoal do historiador Sr. Steinhaus; b) 1911, ano de fundação da *Schützenverein* Boa Vista, conforme Steinhaus e Rambo (1999). Tal fotografia provavelmente refere-se a marcha ou ao desfile feito pelos associados das sociedades até a sede em dias de festa. De acordo com a vestimenta podemos inferir que fora tirada no período de transição do século XIX para o século XX.



Figura 11: Festa na Sociedade Alemã de Atiradores em Linha Boa Vista
Fonte: CEDOC UNISC

No CEDOC da universidade também encontramos fontes a respeito da *Deutscher Schützenverein* Vila Thereza (Sociedade Alemã de Atiradores Vila Thereza). Dentre as evidências está o Caderno de Atas da associação escrito

inteiramente em alemão e com caligrafia de difícil interpretação (Fig.12). Apesar da data que consta na capa (1888) a primeira página é datada de 19 de Maio de 1889. Provavelmente o primeiro livro de registros redigido pela sociedade.

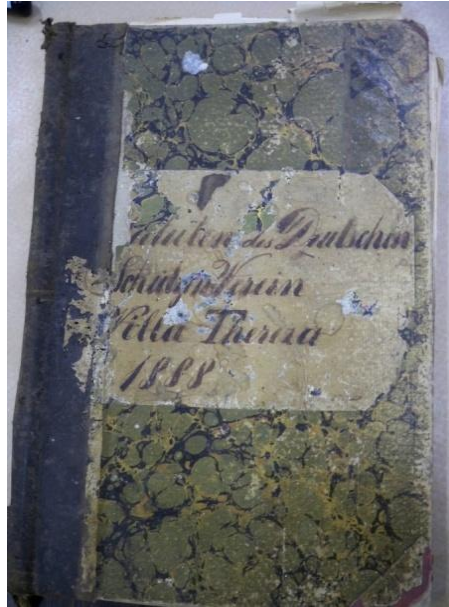


Figura 12: Caderno de Atas da Sociedade Alemã de Atiradores Vila Thereza, 1888.
Fonte: CEDOC UNISC

No mesmo arquivo encontramos uma fotografia referente ao Cinquentenário da Sociedade de Tiro ao Alvo de Vila Thereza, conforme especificado no verso da própria (Fig. 13). De acordo com Rambo (1999) a Sociedade Alemã de Atiradores de Vila Thereza foi fundada no ano de 1886 com 101 sócios. Assim, a fotografia é datada de 1936.



Figura 13: Cinquentenário da Sociedade Alemã de Atiradores Vila Thereza.
Fonte: CEDOC UNISC

Dentre os recortes de jornais do acervo pessoal de Roberto Steinhaus, encontramos o “Programa oficial” da festa promovida em comemoração aos cinquenta anos de fundação da Sociedade Alemã de Atiradores Vila Thereza. Envolto em destacada moldura, o informativo traz detalhes a respeito dos dias de comemoração. A seguir apresento, na íntegra, os escritos e a devida tradução. A cópia do recorte original pode ser encontrada em anexo (1).

Deutscher Schützenverein Villa Thereza
50 jähriges Vereinsjubiläum

Sonntag, den 10., Montag, den 11., und Dienstag, den 12. September

Festprogramm

Sonntag, 10 Sept., 8 Uhr morgens: Antreten des Jubilarvereins. 8 ½ Uhr: Empfang der eingeladenen Vereine und gemeinschaftlicher Zug zum Vereinslokal. – Begrüssung – Ansprachen.

Fahnenweihe

sowie Dekoration der Gründer und 25 jährigen Mitglieder.

Pause

1 Uhr: Abmarsch zum Schiesshaus, 1 Stunde Probeschiessen. – 2 Uhr: Beginn des Probechiessen.

Die geehrten Kameraden werden hiermit darauf aufmerksam gemacht, dass nur Schützen, die den Festzug um 8 ½ Uhr vorm. Mitgemacht haben und im Besitz der Schiesskarte sind, an dem Preisschiessen der Vereinsscheibe teilnehmen können.

*Abends: **Ball in zwei Sälen.***

Montag, 11. Sept.: *Fortsetzung des Schiessens und Kinderbelustigung.*

Dienstag, 12. Sept.: *vormittags 9 Uhr: Antreten der Vereine am Vereinslokal mit Fahne.*

Abmarsch zum Schützenhaus.

Nachmittags 4 Uhr: Schluss des Schiessens auf die Festscheibe. – Nach Auszug der

*Ringzahl: **Preisverteilung.***

Abends Ball (Baile à noite)

Bemerkung: Handel und Industrie werden freundlichst gebeten, am Montag und Dienstag nachmittag zu schliessen.

Sociedade Alemã de Atiradores Villa Thereza

Comemoração de 50 anos da sociedade)

Domingo, dia 10, Segunda, dia 11, e Terça, dia 12 de Setembro

Programa oficial

Domingo, 10 Set.: 8h da manhã: Chegada da sociedade de Jubileu. 8h e meia: Recepção dos convidados da sociedade e desfile comunitário para o local da sociedade –

Cumprimento – Palavras de saudação

Solenidade a bandeira

assim como as palavras de agradecimentos do fundador e associados dos 25 anos de filiado.

Pausa

1h: Partida da Marcha para a casa de tiro, 1 período de treino de tiros. – 2h: Começam os prêmios de tiro.

Srs. participantes deverão saber que só os associados que participarão as 8 e meia do desfile comunitário e que tiverem a carta de tiro poderão participar do tiro do prêmio.

À noite: Baile em dois salões

Segunda, 11 Set.: Continuação dos tiros e diversão infantil.

Terça, 12 Set.: antes do almoço às 9h: Apresentar-se na Sociedade no local com a bandeira. Marcha para a casa do tiro.

À tarde 4h: Término dos tiros no alvo – Após a extração do número alvo: distribuição do prêmio.

Baile à noite

Nota: é pedido cordialmente à Camara de Comércio e Indústria para atirar na Segunda e Terça à tarde.

A exemplo desta comemoração, ocorriam muitas outras nas demais Sociedades de Atiradores de Santa Cruz. Assim como na Festa do Rei, nas festas de aniversário os associados desfilavam em uniforme até os estandes de tiro. Após os cumprimentos e as palavras de saudação, era realizada a solenidade à bandeira, que, devido a redação em negrito com maior fonte, parece indagar um momento muito importante para a sociedade, um símbolo de destaque. Da mesma forma o baile de encerramento da festa, enunciado com letras que contrastam das demais, parece ser um momento de grande expectativa.

A seguinte fotografia foi encontrada no Museu Engelmann, localizado no interior de Sinimbu, e conforme descrição na própria, refere-se a *Deutscher Schützenverein* (Sociedade Alemã de Atiradores) de Sinimbu no ano 1900 (Fig. 14). Na foto observamos a presença de três Reis do Tiro, que portam uma faixa de couro onde são colocados brasões com o nome dos atiradores vencedores de cada ano. Cada brasão é referente a um ano, tendo em vista que a festa do rei era anual. Ainda, destaca-se a presença de três homens com faixas. Aparentemente a listra central é mais clara que as laterais. Acredito que tal faixa seja usada para distinguir os presidentes das sociedades, pois estes também são os portadores das bandeiras. Aliando isto a presença das três bandeiras, podemos sugerir a participação de três sociedades de atiradores na solenidade. A presença das *Mädchen*, meninas que dançavam a primeira valsa com o Rei e cavalheiros do tiro no baile em que eram homenageados, sugere que a solenidade tenha acontecido durante uma festividade e torneio ou em homenagem aos melhores atiradores. Ainda pode-se indagar que a imagem seja referente a primeira festividade organizada pela União das Sociedades de Atiradores, fundada em 1900. A organização promovia festas anuais com a participação de todos os seus filiados. O local da festividade era decidido por rodízio entre as associações.



Figura 14: Recordação da Solenidade a bandeira da *Deutscher Schützenverein* (Sociedade Alemã de Atiradores) de Sinimbu, 18 de Novembro de 1900.
Fonte: Museu Engelmann

No Museu Engelmann ainda encontramos uma fotografia referente a *Deutscher Schützenverein* (Sociedade Alemã de Atiradores) Sinimbu, que conforme a bandeira data de 1887 (Fig.15). Porém, Martim (1999) afirma que a *Deutscher Schützenverein* Sinimbu foi fundada em 1889. Já Loefflad (1952) coloca a mesma fotografia em seu livro como sendo pertencente a Sociedade de Atiradores de Rio Pardinho. Esta controversia coloca em dúvida a data de fundação da sociedade, bem como, questiona a possível relação entre ambas. De acordo com o ano descrito na bandeira da sociedade e com os registros pessoais do historiador Sr. Steinhaus, a sociedade fora fundada em 1887. Devido ao livro de Loefflad (1952) podemos apontar para a possibilidade de alguns membros da Sociedade de Rio Pardinho, fundada em 1882, terem se desmembrado e fundado uma segunda associação, a *Deutscher Schützenverein* Sinimbu.

É interessante na fotografia o uso das coroas de flores e também a presença de espadas. Possivelmente as coroas são usadas para homenagear os senhores fotografados.



Figura 15: Atiradores da *Deutscher Schützen-verein* (Sociedade Alemã de Atiradores) Sinimbu, 1887.

Fonte: Museu Engelmann

Ainda se observarmos com atenção a fotografia acima, veremos a construção em enxaimel ao fundo. Tal construção era a sede da sociedade e atualmente é o local onde encontra-se o Museu Engelmann onde foram encontradas tais fotografias. Abaixo temos um retrato atual do museu, que, apesar de reformado, mantém suas características originais preservadas (Fig. 16).



Figura 16: Museu Engelmann, antiga sede da Sociedade Alemã de Atiradores em Sinimbu.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann.

Na parede da antiga sede, temos preservada uma pintura com o símbolo da *Schützenverein* e a inscrição “*Hoch den Schützen*”, que significa “Elevação ao atirador” (Fig.17).



Figura 17: Pintura na parede do Museu Engelmann
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann

Outra sociedade fundada em Sinimbu foi a *Deutscher Brasil. Schützen-club* (Clube Teuto-brasileiro de Atiradores). No Centro de Documentação da UNISC foi encontrado o *Protocol-Buch* (livro de registros) da sociedade escrito na língua alemã, cuja data inicial corresponde à 28 de Abril de 1901 (Fig.18). Segundo Rambo (1999) o Clube Teuto-brasileiro de Atiradores em Sinimbu foi fundado no ano de 1886.

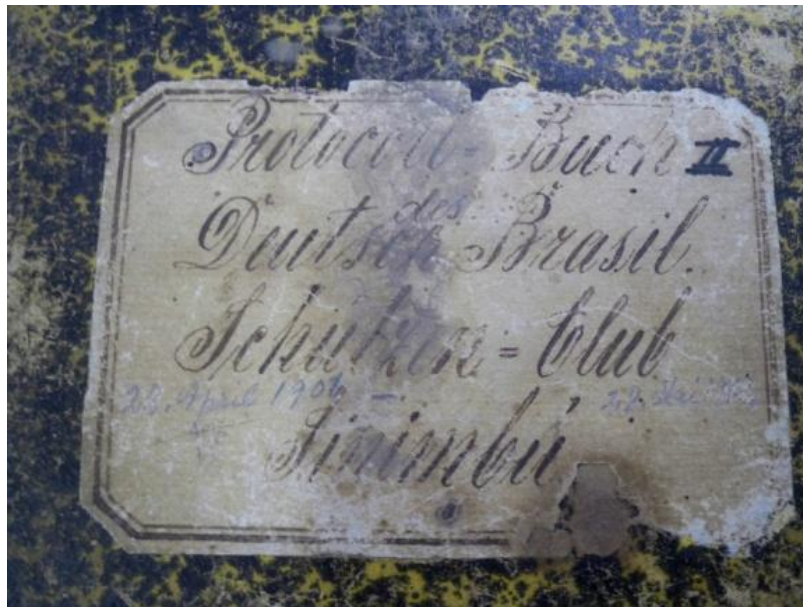


Figura 18: Livro de Atas da *Deutsch Brasil. Schützen-Club* Sinimbú.
Fonte: CEDOC UNISC

Em 1882 é fundada em Rio Pardinho a *Deutscher Schützenverein* de Rio Pardinho. Em 1908, a sociedade completou o 30º aniversário, quando foram contemplados com medalhas de ouro os únicos fundadores sobreviventes na época, Carlos Barth e Adão Barth.

Anualmente, além de outras festas menores, era comemorado “com máximo brilhantismo” o dia da fundação da sociedade, a chamada “festa do rei”, onde o melhor atirador era homenageado e aclamado o Rei dos atiradores na companhia de dois cavaleiros. “Os torneios em disputa de prêmios e troféus geralmente coincidiam com os assim chamados “segundos dias” de Natal, Páscoa e Pentecostes” (LOEFFLAD, 1952, p. 229).

Dentre as fotografias do CEDOC da UNISC encontramos duas referentes a festa dos atiradores na Sociedade Rio Pardinho (Fig. 19 e 20). Devido as

vestimentas, pode-se sugerir que ambas foram tiradas na transição do século XIX para o século XX.



Figura 19: Festa na *Schützenverein* Rio Pardinho
Fonte: CEDOC UNISC



Figura 20: Festa na *Schützenverein* Rio Pardinho
Fonte: CEDOC UNISC

A Sociedade de Atiradores de Rio Pardinho pertencia a União das Sociedades de Atiradores, fundada em 1900.

Com a primeira Guerra Mundial (1914-1918) houve a paralização quase total das atividades sociais. Mais tarde a sociedade foi refeita, “voltando o antigo entusiasmo” (LOEFFLAD, 1952, p. 229).

Em 1932, a Sociedade festejou o jubileu de ouro com a participação de seis entidades coirmãs, onde foi inaugurada a nova bandeira.

A fotografia abaixo, encontrada no Museu Engelmann, apresenta o quadro comemorativo dos 50 anos de fundação da *Deutscher Schützenverein Rio Pardinho*, dedicado pela *Deutsch-Brasil. Schützenverein Sinimbu*. Abaixo temos os nomes da direção da sociedade de Sinimbu: presidente, Ernst Kannenberg; secretário, Oswald Jochims; e tesoureiro, Reinold Boettcher.



Figura 21: Quadro comemorativo de 50 anos da *Deutscher Schützenverein* (Sociedade Alemã de Atiradores) Rio Pardinho.
Fonte: Museu Engelmann

A Próxima figura foi encontrada no CEDOC da UNISC e, segundo é descrito na própria, refere-se igualmente a celebração do cinquentenário da *Deutscher Schützenverein Rio Pardinho* de quatro de Setembro de 1932, e possivelmente foi fotografada no momento da inauguração da nova bandeira da sociedade (Fig. 22).



Figura 22: Solenidade a bandeira na comemoração dos 50 anos da Deutscher Schützenverein Rio Pardini, em quatro de setembro de 1932.
Fonte: CEDOC UNISC

A primeira sede da associação foi no armazém da casa comercial de Ricardo Zuther, onde eram realizadas as reuniões sociais e os bailes promovidos pela entidade. Alguns anos depois a sede foi transferida para o salão de Carlos Barth, utilizado posteriormente pela Cooperativa de Rio Pardini e atualmente ocupado pela sub-prefeitura de Santa Cruz do Sul no distrito de Rio Pardini (Fig. 23).



Figura 23: Fachada da antiga cooperativa em Rio Pardini
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann

Atualmente o salão do local é utilizado para aulas de ginástica artística de uma escola vizinha. Porém, encontramos ainda intactas pinturas referentes a prática do tiro ao alvo no interior do salão (Fig. 24, 25 e 26).



Figura 24: Interior da antiga cooperativa no ano de 2010.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann



Figura 25: Pintura localizada à direita do palco da antiga cooperativa.
Fonte: Fotografia do acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann



Figura 26: Pintura localizada à esquerda do palco da antiga cooperativa.
 Fonte: Fotografia do acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann

Tais pinturas tem a assinatura de Steinbacher e são datadas de 1927, conforme consta no canto inferior esquerdo da segunda. O pintor austríaco, nascido no ano de 1887, se formou na Escola de Belas Artes em seu país de origem e viveu alguns anos em Rio Pardiniho. Com suas suas pinturas e fotografias garantia seu sustento na Colônia.

A primeira gravura em questão parece evidenciar a prática realizada com arco e flecha como uma diversão entre os “anões”. Também vale salientar a representação do arco, cuja base tem o formato de uma carabina. Enquanto na segunda, observamos visível aperfeiçoamento do alvo (a frente) e dos estandes de tiro (imagem ao fundo). Ainda nesta, nos deparamos com o desenho de um cervo no alvo em destaque. Tal representação pode remeter a prática do tiro com a finalidade de caça ou, ainda, aos alvos comemorativos que frequentemente apresentavam ilustrações. Também destacamos os pontos pretos distribuídos aleatoriamente pelo alvo, representando os tiros realizados com armamento de fogo contra o mesmo. A utilização de tijolos, enquanto na primeira é utilizada apenas a madeira, as distintas bebidas entre as duas representações, são outras comparações a serem feitas.

Quanto às imagens dos “anões” e do senhor de óculos com indumentária distinta, podemos observar que o pintor pretendia ser claro na distinção entre o “alemão rude” e o “sábio alemão”, respectivamente.

Na primeira gravura, que apresenta a prática do tiro ao alvo de forma rústica, estão presentes apenas representações de pessoas pequenas, rudes. O traje utilizado também pode pretender representar camponeses. Segundo Vogt (2006), os trajes dos imigrantes foram sendo adaptados conforme o novo clima e a situação

dos colonos alemães chegados ao sul do Brasil. Enquanto na segunda, os “rudes” servem o “sábio” com vinho e cerveja em um ambiente mais civilizado e adiantado. Possivelmente, o “sábio” representa o intelectual alemão, aquele que trouxe o progresso a Colônia, podemos até sugerir a representação de um *Brummer*. Porém, o que fica implícito comparando as pinturas é a idéia de que o “sábio” subjuga o “rude”. Tais imagens podem inferir a uma “provação”. Porém, acredito que seja em tom sarcástico.

Monte Alverne, atual distrito de Santa Cruz, também foi palco de associações de tiro ao alvo. Segundo Wagner (1996) a fundação da Sociedade União Atiradores e Cantores (1902) marca os primeiros anos de desenvolvimento expressivo na localidade e tinha por finalidade cultivar a vida social entre os associados e a prática do tiro ao alvo.

Até o momento citaram-se exclusivamente Sociedades de Atiradores, as quais respondiam por *Schützenverein*. Porém, além destas encontravam-se associações voltadas para a prática do tiro que se auto denominavam *Schiessklubs* (Clubes de Tiro), das quais escreve-se a seguir.

Loefflad (1952) diferencia as sociedades de atiradores – *Schützenverein* – das sociedades de tiro ao alvo, como chama as *Schiessklubs*. Segundo o autor a finalidade deste seria a diversão dos seus associados, enquanto as sociedades de atiradores estariam voltadas para o serviço militar. Ainda as *Schiessklubs* dispensavam o uso de uniformes e as armas com cartuchos, usando exclusivamente a arma “salon” que atira com balins. Sendo assim, seria uma prática muito mais econômica, podendo referir a sociedades de menor porte financeiro. Foram sociedades de crescimento acelerado na região e a “diversão predileta entre os moradores de Rio Pardinho” (LOEFFLAD, 1952, p. 232)

As *Schiessklubs* realizavam quatro torneios anuais, com os melhores prêmios num valor de Cr\$50,00. Segundo Loefflad (1952) cada associado contribuía com Cr\$ 10,00 e tinha direito a atirar durante o dia com cartões de 3 tiros a 5 metros de distância. O baile em companhia de sociedades vizinhas encerrava a festa. Ainda hoje existem sociedades que praticam o tiro a este molde, como a Sociedade de tiro Unidos de Sinimbu.

O primeiro Clube de Tiro da região foi chamado *Schiessklub* Boa Esperança. Fundado no ano de 1910, foi a primeira agremiação a introduzir o tiro de “salon”. Entre os fundadores estavam Francisco Bugs e Gustavo Wendland.

Em visita a associação foram encontrados Livros Caixa pertencentes a mesma datados de 1915 até o ano de 1960. Nestes estão registrados as entradas e saídas do clube, ou seja, o dinheiro arrecadado pelos associados e simpatizantes e, na página ao lado, as despesas de cada mês. Em 1915 faziam parte do clube 40 associados. Os honorários eram pagos por cada membro nos meses de Dezembro, Março, Junho, Agosto e Outubro, o que sugere que o pagamento fosse feito sempre em função dos torneios de tiro realizados pela sociedade. Em 1916, o clube encomendou uma nova bandeira, fato atestado pela despesa realizada com uma “*neue Fahne mit Scheiben*”, ou seja, uma “nova Bandeira com Alvo”. O alvo era o símbolo presente na maioria das bandeiras das Sociedades de Atiradores de Santa Cruz. Além disso gastou-se com um *Fahnenstange* (Mastro de bandeira). Outras despesas comuns a maioria dos anos no Clube foram: *Musick, Kost und Bier, Preise und Band* (Música, comida e cerveja, prêmios e faixa). Tais despesas remetem a festividades. A partir de 1942 até o último Livro preservado encontram-se despesas com os Alvarás exigidos com os decretos impostos pela campanha de nacionalização, bem como, um registro de estatuto. Em 1943, ainda no mesmo caderno de contas, temos as primeiras folhas escritas em português pela sociedade, porém com o título comum ao restante: “Ausgaben” (Despesa). Na segunda folha, temos o termo Músicos visivelmente “concertado” do alemão para o português. Na próxima página, todos os termos estão no português e o título passou a ser “Saídas”. Até 1950 as páginas continuam escritas em português. Além disso, parece ter havido pouca movimentação na sociedade devido as poucas anotações. Porém, os prêmios continuam a ser despesas nos meses de Janeiro, Abril e Outubro. Isto significa que houve campeonatos neste período, porém sem grandes festejos.

A partir de 1951 observa-se a volta da escrita em alemão e do entusiasmo na sociedade. As despesas com música, cerveja e comida voltam para os registros. Já em 1952 algumas palavras ainda permanecem em português, mas prevalece o registro em alemão. No mesmo ano vemos as “Entradas” dobrarem de valor. Ainda no mesmo ano tem-se uma despesa com o “Centenario-Buch” (Livro do Centenário), onde provavelmente foram registrados os acontecimentos realizados

durante as festividades e o torneio de tiro em comemoração ao centenário de Rio Pardinho. Em 1952, a diretoria era composta pelo Presidente Willy Genz; vice, Reinaldo Molz; tesoureiro, Carlos Froemming; secretário, Osmar Molz. A fotografia a seguir foi encontrada no Salão Waechter e refere-se ao torneio de tiro ao alvo promovido em comemoração aos 100 anos da localidade (Fig.27).



Figura 27: Torneio de Tiro ao Alvo na comemoração do centenário de Rio Pardinho, em 1952, com a participação de quatro sociedades de tiro: Daltrio Filho, Gaúcho, Boa Esperança e Sete de Setembro.
Fonte: Salão Wachter

Em 1960 a sociedade Boa Esperança comemora o seu cinquentenário. Pode-se inferir a participação de três associações de tiro ao alvo convidadas para os festejos e torneio de tiro, pois na sede foram encontrados três quadros comemorativos referentes a data dedicados pela Sociedade Atiradores São João (Fig.28), Sociedade Atiradores Guarani de Sinimbu e Sociedade Atiradores Tiro ao Alvo São João. Os quadros que até a década de 1930 eram escritos no idioma alemão, em 1960 aparecem inteiramente em português.



Figura 28: Quadro comemorativo de 50 anos da Sociedade Atiradores Boa Esperança.
Fonte: Salão Wachter

Esta mesma associação, ainda nos dias de hoje encontra-se em atividade no Salão Waechter em Rio Pardinho, porém com novas e avançadas estruturas. Atualmente a associação responde pelo nome de Sociedade Atiradores Boa Esperança. O estande de tiro está localizado a 51 metros da “cabine” dos atiradores. Trimestralmente o clube realiza torneios de tiro à prêmio. Os prêmio são utensílios domésticos ou gêneros alimentícios. Atualmente compõe a sociedade 51 membros. Ainda promovem suas atividades na mesma sede a Sociedade Lanceiros, Sociedade de Damas Concórdia e Sociedade de Damas Amizade.



Figura 29: Fachada atual do Salão Waechter.

Fonte: Fotografia do acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann

Em outubro de 2010 a sociedade comemorou o Centenário com a participação de duas associações de tiro convidadas, Rio Pequeno e Ponte Rio Pardinho (Fig. 30). O dia foi marcado pelo torneio de tiro ao alvo. Cada sociedade competia com 10 atiradores, estes tinham direito a 5 tiros prova, ou seja, para treino, e 10 tiros “valendo” sem limite de tempo (Fig. 31). Quando o atirador passava dos tiros de prova para os tiros efetivos, havia a troca do alvo. Cada alvo correspondia a determinada associação que atirava neste até o final do torneio. Os atiradores efetuavam os tiros de acordo com a ordem estabelecida pela própria entidade. Dentre os 30 atiradores, observamos a participação de apenas duas mulheres. Todos estavam bem vestidos e usavam calças e camisas ou camisetas distintas. Ao meio dia foi feito um almoço de confraternização, onde foi servida uma deliciosa galinhada e os devidos acompanhamentos. Todos se esbaldaram e parabenizaram os cozinheiros. Os tiros recomeçaram á tarde. Enquanto os homens atiravam ou acompanhavam o torneio, regados a muita cerveja, as mulheres faziam trico, crochê, tomavam um bom chimarrão e “colocavam o papo em dia”. As crianças se divertiam na sinuca, na pracinha e comiam picolé. Na sede o ambiente era de alegria, expectativa, boas risadas e concentração no momento dos tiros. A língua predominante era o alemão da região, ou seja, o dialeto. Após a participação de todos os atiradores presentes, os presidentes das três entidades se reuniram para a

verificação dos alvos e contagem dos pontos. A solenidade de encerramento foi realizada no salão de festas da sede. Foram entregues os troféus as sociedades e as medalhas aos melhores atiradores. A sociedade de Rio Pequeno recebeu o título por equipe e individual. A sociedade Boa Esperança conquistou o segundo lugar. Segundo o presidente, o baile tão almejado pelos antigos sócios não pode ser realizado devido as finanças da sociedade.



Figura 30: Quadro de lembretes da Sociedade Boa Esperança.
Fonte: Salão Waechter



Figura 31: Torneio de Tiro em comemoração ao centenário da Sociedade Boa Esperança em 2010.
Fonte: Fotografia do acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann

A Sociedade de Atiradores Gaúcho foi fundada em 14 de novembro de 1934 em Rio Pardinho, no salão Germano Bublitz, sendo coordenada em 1952 por Reinaldo Molz, Germano Bublitz, Edwino Jaeger, Bruno Bock e Pedro Funk (LOEFFLAD, 1952).

Em 8 de agosto de 1948, foi fundada a sociedade de atiradores Daltro filho (Fig. 32). Trata-se de uma entidade constituída por 76 fundadores, sucessores da Sociedade de Atiradores *Hindenburg*, que funcionou de 23 de outubro de 1927 até o ano de 1940 por advento da segunda guerra mundial. A Sociedade *Hindenburg*, com 48 fundadores, teve como primeiro presidente Guilherme Lenz, mais conhecido como *Vater Lenz*; vice-presidente, Alberto Kanthack; primeiro e segundo secretários, Willy Ebert e Arnaldo Feurborn; primeiro e segundo tesoureiros, Guilherme Fuelber e Otto Waechter; guarda-esportes, Ricardo Lenz e Reinhardo Ebert (LOEFFLAD, 1952). O nome original da associação pode significar uma homenagem a Paul von Hindenburg (1847-1934), marechal alemão e segundo presidente da Alemanha (1925-1934).



Sociedade de atiradores Daltro Filho

Figura 32
Fonte: LOEFFLAD, 1952

As mulheres exerceram um papel importante na colonização alemã. Foram elas que ao lado da família executaram a maior parte dos trabalhos essenciais para

a formação de uma nova sociedade. Elas “tiveram que aprender a se defender por conta própria, pois passavam muito tempo sozinhas em casa com as crianças” (LIMA, 2001, p. 16). Esta citação sugere que a prática do tiro era também praticada pelas mulheres desde o princípio, pois eram elas que ficavam em casa cuidando dos filhos e do lar enquanto o marido ia para a roça. Porém, foi só no início do século XX que as mulheres se organizam em sociedades, surgindo as primeiras associações de damas voltadas para a prática do tiro ao alvo. Inspiradas nas sociedades masculinas, as mulheres buscaram uma identidade própria, valorizando os momentos de diversão e distração em grupo. A vida nas associações minimizava o sentimento de isolamento e solidão das regiões onde viviam. Sendo assim, a partir da convivência em grupo, as mulheres promoveram seu crescimento pessoal, buscando preservar a cultura teuto-gaúcha e resgatar seus valores. As sociedades de damas voltadas para a prática do tiro (*Damenschiessklubs*) mais antigas do estado encontradas na literatura correspondem a Sociedade de Atiradoras Progresso e a Sociedade de Atiradoras Tell, ambas fundadas no ano de 1902 no município de Santa Cruz (RAMBO, 1999).

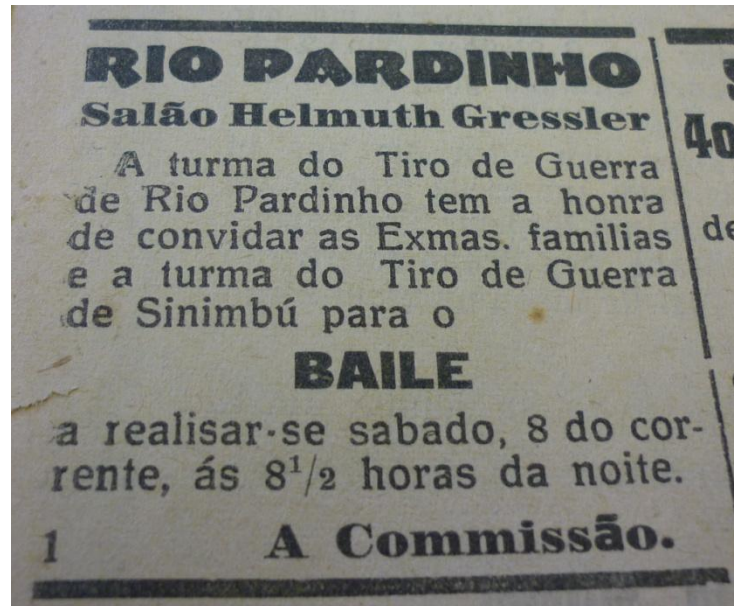
Em 1908 surge na região a Sociedade Feminina de Tiro ao Alvo Concórdia (Fig. 33). Tal associação “promovia festas idênticas às das sociedades de atiradores e usava uniforme” (LOEFFLAD, 1952, p. 235). Em 1952, a diretoria era composta por Guilhermina Tietze, Nelsinda Eickstaedt, Helga Waechter, Flora Kath, Elli Gressler, Jurema Diehl e Frieda Gressler. Uma citação muito interessante encontramos na monografia de Lima (2001, p. 19):

A Sociedade de Damas Concórdia de Rio Pardinho, segundo seu Estatuto, foi fundada em 15 de novembro de 1908. Entusiasmada com o grupo de associações masculinas, iniciou sua sociedade com o tiro-ao-alvo e estendendo-se até os dias atuais com bolão de mesa e festas de grupo (bailes e quermesses). Para muitas mulheres o fato de terem de pedir emprestado a arma do marido para treinos e competições, gerava impasse dentro da própria família. Com isso, adaptou-se as práticas desportivas, buscando-se outras atividades em grupo.



Figura 33: Sociedade de Damas Concórdia
 Fonte: LOEFFLAD, 1952

A respeito da criação de Tiros de Guerra no município, até o momento, havia-se encontrado na literatura apenas uma citação. O Tiro de Guerra nº648, em Monte Alverne, que “capacitava jovens no manejo das armas, bem como educava os recrutas na disciplina e nacionalidade” (WAGNER, 1996, p. 67). Porém analisando as publicidades do jornal *Kolonie* no ano de 1941, descobriu-se a existência de, no mínimo, mais duas instituições de Tiro de Guerra em Santa Cruz no referente ano, em Rio Pardinho e Sinimbu. A publicidade abaixo atesta tal afirmação (Fig. 34).



Publicidade do Tiro de Guerra de Rio Pardinho
 FONTE: Jornal Kolonie, 24 de janeiro de 1941

Ainda pode-se afirmar a instituição do Tiro de Guerra nº289, que conforme edital de 1941, abre inscrições para candidatos a reservistas. Através deste tem-se o nome do presidente e do secretário do TG, José A. Mergener e Petronio V. Parahyba, respectivamente. Possivelmente o Tiro de Guerra nº289 localizava-se na cidade de Santa Cruz do Sul, pois no mesmo edital anuncia que “os interessados do interior deverão dirigir-se em Tereza a Waldemar J. Doern e em Sinimbu ao sr. Mauricio Jochims” (*Kolonie*, 24 janeiro 1941).

Em publicidade do dia 17 de novembro de 1941, encontra-se publicidade referente aos festejos em comemoração ao Dia da Bandeira. Para o dia foram convidados pelo Tiro de Guerra 289, os TG nº4 de Porto Alegre, 388 de Candelária e 159 de Rio Pardo. Em uma “passeata “cívica” as instituições iriam, além da celebração ao Dia da Bandeira, comemorar o 25º aniversário do TG 289. Assim, fica evidente que o Tiro de Guerra 289 de Santa Cruz do Sul foi fundado no ano de 1916.

6. ATIRADORES ESCONDAM AS ARMAS: a nacionalização e as associações de tiro ao alvo

As primeiras ações nacionalizadoras impostas pelo governo brasileiro aparecem durante a Primeira Guerra Mundial (IGM). Os clubes, Igrejas e as escolas, locais de manifestação explícita de germanidade, foram os mais visados. Segundo Ramos (2000) as ações nacionalizadoras se compunham de dois tipos: o abasileiramento do que era originariamente em alemão, como os nomes de localidades, a língua falada e os registros escritos; e a conscientização nacional a partir de festas e datas cívicas brasileiras. Ainda participou das ações nacionalizadoras a Lei de 1917 que visava incorporar as sociedades de tiro aos Tiros de Guerra.

Assim como ocorreu em outras sociedades do estado, as associações de atiradores de Santa Cruz também sofreram represálias. As sociedades tiveram suas atividades paralisadas e vida associativa enfraquecida. Porém, em Santa Cruz, muitas destas conseguiram se manter e retomar a prática do tiro e suas festividades, fato este observado pelas inúmeras propagandas de sociedades de tiro encontradas no jornal *Kolonie* no período entre guerras. A exemplo da *Deutscher Schützenverein* Rio Pardinho, que teve a paralização quase total de suas atividades sociais mas se reestruturou após a IGM “voltando o antigo entusiasmo” (LOEFFLAD, 1952, p.229), acredita-se que tenha ocorrido com as demais ou com a maioria das associações de tiro ao alvo na região. Analisando o jornal *Kolonie* de 1932, pode-se afirmar que a maioria das sociedades de tiro anteriormente citadas, permaneciam com suas atividades de tiro no ano referido. Ainda, acredita-se que o advento da Primeira Guerra Mundial tenha fomentado a fundação de Tiros de Guerra no município, tendo em vista que o Tiro de Guerra nº 289 foi criado no ano de 1916.

Segundo Mazo (2007) devido ao abalo sofrido na IGM as associações teuto-brasileiras procuraram preservar sua identidade cultural, prevalecendo a união dos membros de mesma etnia. Os eventos e festividades promovidos pelas sociedades reflete esta união, destacando-se a comemoração do Centenário da Imigração Alemã em 1924 na capital do RS. Tal fato é evidenciado pela publicidade encontrada no acervo pessoal do Sr. Steinhaus, onde são convidadas as associações de tiro ao

alvo para participar de um campeonato em comemoração ao centenário da imigração alemã em Porto Alegre. Segue abaixo os escritos da publicidade na língua original (alemão) e em seguida a tradução para o português. A cópia da publicidade original pode ser encontrada em anexo (2).

Alle Schützenvereine von Rio Grande do Sul

Einerlei ob Schützenbunde angehörung oder nicht, werden hiermit eingeladen, sich an dem Wettschiessen anlässlich der Jahrhundertfeier der esrten Deutschen in Brasilien In den Tagen vom 10. Bis 13. Oktober 1924, hier in Porto Alegre, zu beteiligen – Ausgeschossen wird das von Herrn J. Alons Friedechs gestiftete Jahrhundert-Wanderpreis-Schild ausser einen allgemeinen **Preis-Schiessen.**

Anmeldungen, zwecks uebersendung von Unterlagen für die einzelnen Schiessen sind dem Unterzeichnelen schnellstens schriftlich zuzustellen.

Then Wiederspahn,

Vorsitzender der Schützenvereins Porto Alegre, Rua Garibalde, 76.

Todas Sociedades de Atiradores do Rio Grande do Sul

Mesmo se é filiado a Federação de Tiro ou não, ficam por meio deste convidados, para o Campeonato de tiro em ocasião dos 100 primeiros anos dos alemães no Brasil a participar nos dias 10 até 13 de Outubro de 1924, aqui em Porto Alegre – pelo tiro se ganha

placa de Comemoração do centenário como prêmio doado pelo Sr. Alonso Friederichs fora o comum **prêmio do tiro.**

Através de envio da documentação para inscrição nos diferentes modalidades de tiro deverão ser feitas por escrito o mais rápido possível

Presidente da Sociedade de Atiradores Porto Alegre, Rua Garibalde, 76

Entretanto a Campanha de Nacionallização instuida pelo Estado Novo (1937-1945) e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (IIGM) representaram um momento decisivo para as sociedades que praticavam o tiro ao alvo e para toda comunidade de Santa Cruz do Sul.

Em 1930 ve-se renascer o nacionalismo alemão no mundo, contribuindo significativamente para o fortalecimento do vínculo dos teuto-brasileiros com a pátria de origem.

Segundo Vogt (2001), na década de 1930, Santa Cruz era uma pequena e pacata cidade típica do interior do Estado. Com aproximadamente 55.041 habitantes, a maioria em zona rural, o município era formado por sete distritos: cidade e adjacências, Vila Tereza, Herveiras, Gramado Xavier, Trombudo, Monte Alverne e Sinimbu. O uso do dialeto alemão era, ainda, constante no cotidiano de seus moradores. As festas eram corriqueiras. Na maior parte das escolas, principalmente no interior, os alunos eram, ainda, alfabetizados em alemão. Na cidade, a iniciação normalmente já era feita em duas línguas: português e alemão.

A exemplo de outras cidades, a partir de 1933 estrutura-se também em Santa Cruz uma célula do Partido Nazista e, incontestavelmente a população local nutria um sentimento de simpatia e mesmo de euforia por Hitler e pelo nazismo. Propagandas vindas da Alemanha enalteciam a figura do *Führer*. Pelas ruas de Santa Cruz não era raro ouvir-se a saudação *Heil Hitler!* O vice-consulado alemão em Santa Cruz era responsável pela exibição de filmes e entoação de canções que exaltavam a cultura germânica, por promover conferências e confraternizações na sede da NSDAP, bem como, realizar movimentos de solidariedade para auxiliar a Alemanha durante o inverno rigoroso.

Militantes da causa também se infiltraram em sociedades, como o *Turnverein (Sociedade Ginástica)* Santa Cruz. Também foram feitas tentativas para filiar as *Vereine* (sociedades) existentes na *Verband Deutscher Vereine im Ausland* (Liga das Sociedades Alemãs no Estrangeiro). Algumas sociedades filiaram-se esperando compensações financeiras, mas o NSDAP, apesar do empenho de seus líderes, manteve-se pequeno em Santa Cruz. O Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, que vedava a estrangeiros a atividade política no Brasil finalizou definitivamente suas atividades. O embate político no município na década de 1930 foi travado pela elite que integrava o Partido Republicano Liberal (PRL) e a Frente Única (PR e PL). Assim em 1937 Santa Cruz estava longe de ser uma pequena Alemanha no tocante às questões políticas (VOGT, 2001).

Porém, tendo em vista o desenvolvimento histórico cultural da região, era natural que os imigrantes se interessassem pelas notícias da Alemanha e

procurassem obter informações a respeito da terra e da sua gente que tinha ficado para trás. Mas o apego à Alemanha e a manutenção da identidade cultural teuto-brasileira tinha um sentido eminentemente sentimental, e não político. Mesmo antes de 1937 nenhuma autoridade constatou ações coletivas contra o Estado Brasileiro por parte dos moradores de ascendência alemã da localidade.

Enquanto para os imigrantes alemães nacionalidade significava a vinculação a um povo e não a um Estado, para os brasileiros a nacionalidade era determinada pelo país de nascimento. Ou seja, para alemães predominava o *jus sanguinis*, onde é considerado “alemão” todo aquele que possui “sangue alemão” independente do solo que tenha nascido. Já para brasileiros predominava o *jus soli*, ou seja, brasileiro é todo aquele que nasce no Brasil. Essas concepções divergentes agregadas ao movimento “germanista” reforçaram a idéia de um “perigo alemão” no período do Estado Novo (1937-1945) (GERTZ, 1994).

O sentimento de afirmação da identidade nacional brasileira e, conseqüentemente, de oposição a toda e qualquer manifestação identitária “inimiga”, fechou as portas de inúmeras sociedades de atiradores no estado. Segundo Gertz (1994, p. 38) “a repressão e assim chamada “campanha de nacionalização” partiam do pressuposto de que existia um enorme problema, ou perigo político a ser enfrentado”. As instituições organizadas pelos imigrantes alemães e seus descendentes foram interpretadas como um indício de quistos étnicos ou do perigo alemão que pairava sobre o imaginário político brasileiro (NETO, 2010).

Para combater o germanismo, escolas, imprensa, sociedades e Igreja tiveram que passar por um processo de abasileiramento sociocultural forçado. Com a instituição do Estado Novo (1937-1945) e da campanha de nacionalização impostos pelo então presidente Getúlio Vargas, a comunidade teuta é proibida de falar o alemão. Inicialmente a língua é proibida nas escolas elementares, repartições públicas e cerimônias religiosas, mas logo se estende a todos os locais públicos e, finalmente, o excesso de zelo dos funcionários policiais do município vai inclusive controlar os domicílios (KIPPER, 1994).

A Lei da Nacionalização, (Decreto-Lei nº 868 de 18 de novembro de 1938) obrigou as associações esportivas estrangeiras de origem germânica a alterarem seu nome original para a língua portuguesa (MAZO, 2007). Devido a isto infere-se que a *Deutcher Schützenverein* Santa Cruz tenha mudado sua denominação para

Sociedades de Tiro, Caça e Pesca Santa Cruz do Sul neste período. O Caderno de Atas da *Deutcher Schützenverein* Santa Cruz, encontrado no CEDOC da UNISC, também sugere tal constatação, escrito totalmente na língua alemã tem sua última página redigida no ano de 1937.

Em setembro de 1939 eclode a II Guerra Mundial e o Brasil é levado, pela opinião pública nacional e pelos interesses do imperialismo norteamericano, a posicionar-se a favor dos Aliados. Com a guerra declarada contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) crescem as “perseguições, repreensões, apreensões, detenções, humilhações, difamações a que os teutos-brasileiros desta região foram submetidos” (AZAMBUJA, 2002, p. 72). Os descendentes de imigrantes passaram a ser estigmatizados como traidores reais ou potenciais da Pátria.

Os estatutos, livros de atas e livros caixa das associações também tiveram que ser redigidos em português. Assim como atestam os livros caixa da sociedade de tiro Boa Esperança, que em 1943 passam a ser redigidos no novo idioma. Também foi necessário alterar bandeiras e outros símbolos com características germânicas. Numa cidade em que o vernáculo germânico era utilizado informalmente para quase todos os fins, a proibição da língua abalou profundamente a vida social e cultural da comunidade (KIPPER, 1994).

Além disso, em 1941 foi promulgado o Decreto-Lei nº 3.199 que

possibilitou a intervenção no associativismo esportivo, com a criação de órgãos reguladores do esporte no país: Conselho Nacional de Desportos (CND) e Conselhos Regionais de Desportos (CRDs). Sendo assim, a autonomia das associações para a tomada de decisões foi transferida para o governo federal e estadual, que passou a controlar o campo esportivo via CND e CRDs. (...)O Conselho Regional de Desportos (CRD) do Rio Grande do Sul foi instalado em 1941 em Porto Alegre. A partir da sua fundação começou uma forte cobrança quanto à necessidade das associações adotarem nome em língua portuguesa para a obtenção do Alvará de Funcionamento (MAZO, 2007, p.49-50).

Assim, as associações esportivas passaram a ser rigorosamente controladas pelo poder público, sendo obrigatório licença prévia para desenvolver qualquer atividade (MAZO, 2007). A necessidade do Alvará de Funcionamento é atestada nos livros caixa da sociedade Boa Esperança. No caderno de 1942, está registrada a

primeira despesa com os Alvarás exigidos pela nacionalização, bem como, o “Registro do Estatuto”, o qual consta como um grande gasto.

O Alvará possibilitava que as entidades obtivessem licenças ou vistorias para jogos, festas e reuniões; inscrição em campeonatos, torneios e outras competições nacionais e internacionais; títulos esportivos, colocações e direitos; registro de contratos, subvenções, empréstimos e outros favores do poder público (MAZO, 2007, p. 50).

O Alvará estava condicionado a renovação anual e poderia ser cassado diante de qualquer irregularidade.

As associações voltadas para a prática do tiro foram especialmente atingidas e regular número delas suspendeu suas atividades totalmente. O uso do uniforme foi proibido e as espingardas, alvos, bandeiras e demais apetrechos das entidades foram entregues à polícia ou queimados. A exemplo do que ocorreu na Sociedade de Atiradores Rio Pardinho (LOEFFLAD, 1952).

Inspetores e escrivões de polícia foram responsáveis pelas detenções, apreensão de armas e investigações eventualmente realizadas em sociedades ou residências. Muitas lideranças comunitárias destruíram ou fizeram desaparecer o material e a documentação das entidades desportivo-recreativas. Receosos que livros de literatura, bandeiras, hinários, estandartes e flâmulas com dizeres em alemão, cadernos de atas e outros registros fossem parar nas mãos de policiais ou de autoridades públicas, importantes fontes de pesquisa para estudos da história acabaram se perdendo (KIPPER, 1994; VOGT, 2001).

Com a proibição do alemão, a desapropriação de sedes, o recolhimento das armas, as represálias que sofreram os alemães e seus descendentes, o Estado Novo (1937-1945) se caracterizou como um momento crítico para as associações e para a vida social dos santa cruzenses. Com essas medidas, muitas sociedades não sobreviveram e as que resistiram “não podem ser consideradas mais que uma sombra da pompa do passado” (LOEFFLAD, 1952, p. 230). Entre as sociedades que resistiram, destacamos a Sociedade de Tiro Boa Esperança, que no ano de 2010 comemorou o centenário da associação.

Em entrevista um antigo atirador comenta sobre a época em que a campanha de nacionalização interrompeu a vida associativa na região: “Época da guerra paro tudo. Inclusive eles foram obrigados a esconder as armas, abriram pedra no porão e

fecharam com massa, eles sabiam onde é que tava as armas... alguns documentos, o resto eles queimaram”. Alguns documentos foram escondidos no porão, mas infelizmente não resistiram as condições do ambiente. “Aquele entusiasmo, aqueles encontros fofos, com bailes grandes, isso hoje em dia não existe mais”, comenta uma atiradora.

A campanha de nacionalização deixou seqüelas profundas. Tal repressão atingiu definitivamente as associações esportivas do RS, inclusive do município de Santa Cruz do Sul. A vida associativa teuta, sofreu, desde as primeiras medidas da Campanha de Nacionalização, revezes que transformaram definitivamente seu sentido (SILVA, 2006). As sociedades que conseguiram se reerguer sofreram transformações importantes quanto a sua identidade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As associações de tiro ao alvo em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, tiveram papel importante na vida social e cultural da comunidade étnica teuto e teuto-brasileira do município. Através de representações simbólicas se afirmaram enquanto grupo de influência na comunidade. As sociedades de tiro foram espaços de construção e manutenção da identidade étnica e representações da germanidade local.

A representação germânica mais tocante nas sociedades de atiradores está registrada em atas, livros caixa, quadros comemorativos, pinturas nas paredes, em inscrições de fotografias e nos nomes das sociedades. A representação mais fiel da presença de uma comunidade étnica marcada pela diferença e por sistemas simbólicos, é a língua alemã. A presença do idioma era unânime nas *Schützenvereine* (Sociedades de Atiradores) e *Schiessklubs* (Clubes de Tiro) do município de Santa Cruz do Sul até meados da década de trinta. O vernáculo era utilizado nos eventos e documentos das associações. Da mesma forma podemos afirmar que não apenas na vida associativa utilizava-se o alemão, mas também no cotidiano da comunidade local. Este fato não só é confirmado pelos autores anteriormente citados, mas também pela predominância do uso do dialeto alemão na zona rural e interior do município até os dias de hoje.

A “construção” de certas fotografias, demonstram a preocupação com a imagem a ser passada ao espectador. A disposição dos associados organizados em fileiras de modo que todos apareçam; a disposição das armas e das bandeiras portadas pelos presidentes; os campeões ao centro; a seriedade do grupo posto fardado em uniforme e postura; enfim uma organização que parece transbordar disciplina, respeito e orgulho. Ainda pode-se inferir que as fotografias tenham sido tiradas em dia de festa ou Tiro ao Rei, quando a sociedade vestia-se a rigor para a esperada ocasião.

O uniforme, as bandeiras, as *Mädchen* (meninas), as próprias fotografias que nos mostram medalhas, faixas de campeão e de presidente, coroas de flores, simbolizam as sociedades de tiro, suas atividades e a relação dentro do grupo. Os campeões e presidentes tem símbolos distintos, diferenciados de todos os demais

associados a mesma *Schützenverein*. O presidente ainda destaca-se como o portador da bandeira, símbolo essencial para as sociedades. As coroas de flores também remetem a uma distinção, possivelmente aos sócios honorários, merecedores de louvor. Cada bandeira possui seu próprio brasão, porém assemelham-se entre si. A disposição das armas em “X” com o alvo no centro é a figura mais encontrada. Os uniformes são sempre distintos, com cores neutras, sapatos finos, chapéus alinhados. Na indumentária masculina, percebemos o uso do chapéu e paletó em tom mais escuro, enquanto a calça apresenta-se de cor clara.

Para além destes, temos as *Schützenfest* (Festa dos Atiradores), importantes festejos representativos das sociedades. A distância das residências, principalmente no interior do município, fazia das sedes e eventos ali promovidos o ponto de encontro da comunidade. Fazer parte de uma sociedade garantia a vida social na colônia. O desfile obrigatório em uniforme realizado pelas associações até os estandes de tiro como imprescindível para participação no torneio à prêmio, conota à exibição do grupo, um meio de demonstrar superioridade por pertencer a Sociedade de Atiradores.

Comum a maioria das associações de tiro alvo de Santa Cruz é a denominação de *Deutscher Schützenverein*, ou seja, Sociedade Alemã de Atiradores. O termo grifado pretende, já no nome da sociedade, representar a identidade étnica de seus associados. Na transição do século XIX para o XX vemos aparecer também no município sociedades cuja denominação utilizava as expressões *Deutscher-Brasilianischer* ou *Brasilianisch-Deutschen*. Tal representação reflete a construção e afirmação de uma identidade teuto-brasileira em uma comunidade étnica que já tem suas raízes fixadas a nova Pátria. Através das associações esportivas voltadas para a prática do tiro ao alvo buscou-se preservar o *Ethos* – valores morais, valorativos e estéticos de um povo –, a cultura e a germanidade no novo solo, o Brasil.

Além das expressões diretamente ligadas a etnicidade, grande parte das associações de tiro expressava na sua denominação o local onde moravam e viviam os atiradores (Rio Pardinho, Sinimbu, Santa Cruz, Vila Thereza). Isto infere também um caráter de distinção, onde possivelmente os membros da associação deveriam pertencer a vizinhança, ou seja, a Picada onde fora estabelecida *sua* sociedade de tiro. Porém, pelos quadros comemorativos dedicados pelas associações ao

cinquentenário da *Deutscher Schützenverein Santa Cruz* e *Deutscher Schützenverein Rio Pardinho*, observamos que havia respeito mútuo entre as sociedades de tiro e até mesmo integração. Em dias de grandes festejos a sociedade anfitriã convidava outras associações de tiro para um torneio e para o baile.

Na década de 1930 temos a fundação de uma sociedade de atiradores, que embora os dirigentes tenham sobrenome alemão, recebe a denominação de “Gaúchos”. Isto pode remeter a uma mudança de valores, pois não pretendem ser vistos como alemães mas sim como Riograndenses.

Com a instituição do Estado Novo e consequente Campanha de Nacionalização, os santacruzenses sofreram represálias de toda ordem. Percebe-se uma inversão de conceitos desde o início do século até este momento, pois desde as primeiras medidas de reestruturação do Exército Brasileiro, o sujeito alemão foi induzido a enfileirar suas trincheiras, exaltando o sentimento patriótico em defesa do Brasil. Aproveitando-se do discernimento no manejo das armas dos teuto-brasileiros que cultivavam o esporte do tiro através de suas sociedades, buscava-se formar soldados em prol da defesa nacional. Neste âmbito salientamos o novo dado encontrada a respeito dos Tiros de Guerra em Santa Cruz. Fato que merece um estudo mais aprofundado.

Durante o período do Estado Novo (1937-1945), entretanto, os teuto-brasileiros tiveram sua identidade oprimida, sendo vistos pelo Estado Brasileiro como “inimigos” da nação. Como foi colocado em capítulo anterior, houve “movimentos germanistas” e o sentimento de pertencimento a terra natal (Alemanha) permanecia aceso e, após a Primeira Guerra Mundial e início da década de 30, fortalecido. Porém, eram questões ligadas ao imaginário romântico, e não questões políticas ou de aversão a nova pátria. O Brasil era o lugar onde viviam, onde criaram seus filhos e netos, era o seu lar. Ainda, parece-me até desnecessário dizer o quão abusivas e ofensivas foram as ações tomadas pelo Estado Brasileiro em prol de sua ação nacionalizadora. Portanto, julgo o período autoritarista do Estado Novo como o momento decisivo para o associativismo teuto-brasileiro, não apenas em Santa Cruz do Sul, mas também nos demais municípios.

As associações de tiro no município de Santa Cruz do Sul não sofreram apenas abusos e perdas materiais, mas também uma mudança significativa e

expressiva em sua estrutura interna e, especialmente, na expressão de sua identidade cultural. As sociedades que resistiram ao período ou reabriram após a II Guerra Mundial, não conservaram as características originais.

REFERÊNCIAS

Acervo pessoal da pesquisadora Alice Beatriz Assmann:

- Fotografias de própria autoria tiradas nos locais visitados.
- Fotografia da *Detsch. Brasilianischer Schützenverein* Picada Santa Cruz (Sociedade Teuto-Brasileira de Atiradores de Picada Santa Cruz) de 1900 doada por Roque Afonso Wenzel.

Acervo pessoal do historiador Sr. Steinhaus:

- Recortes de Jornais (*Kolonie e Volkstimme*), do período entre guerras.
- Lista de fundadores da Sociedade Tiro, Caça e Pesca de Santa Cruz do Sul.
- Lista das associassões esportivas e recreativas fundadas em Santa Cruz do Sul (1872-1918).

Ata da associação Sociedade Alemã de Atiradores Vila Thereza (1888-1925).

Ata da associação Clube Teuto-brasileiro de Atiradorese em Sinimbu (1901-1912).

Ata da associação Sociedade Alemã de Atiradores Santa Cruz (1912-1937).

AZAMBUJA, L. I. B. **Língua Alemã: um legado dos imigrantes alemães para Santa Cruz do Sul – RS**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, 2000.

BARROS, J. A. BARROS, José. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

BURGOS, M.S. *et al.* Jogos tradicionais e legado histórico dos descendentes alemães em Santa Cruz do Sul e Sinimbu-RS. In: Janice Zarpellon Mazo; Alberto Reinaldo Reppold Filho (Org). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 2005.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORREA, S. M. S. Strassendorf: característica de uma paisagem local. In: CORREA, S. M. S. e ETGES V. E. (org). **Território e População: 150 anos de Rio Pardo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002, p.

DEPPE, G. (org). **Contribuição para a história de Nova Petrópolis: depoimentos**. Caxias do Sul: EDUCS, 1988.

FERREIRA, E.F. **A História do Tiro ao alvo**. Porto Alegre: Pallotti, 1986.

GERTZ, R. A construção de uma nova cidadania. n: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história**. Canoas: Ulbra, 1994.

GRUTZMANN, I.; DREHER, M.N. e FELDENS, J.A. **Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: recortes**. São Leopoldo: Oikos, 2008.

KILPP, C.E. **KRIEGERVEREIN: a constituição da Sociedade de Guerreiros e das primeiras associações esportivas de Teutônia/Estrela (1874-1950)**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

KIPPER, M. H. A Nacionalização em Santa Cruz do Sul In: MÜLLER, T. L. (Org.). **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1994. p. 121-132.

KRAUS, A. Tiro. In: DACOSTA, Lamartine (Org). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

Jornal Kolonie de 1912.

Jornal Kolonie de 1932.

Jornal Kolonie de 1941.

LAZZAROTTO, D. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulinas, 1982.

LIMA, S.R. **O papel da mulher nas sociedades de Damas.** Dissertação (Pós-Graduação em História Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Santa Cruz do Sul, 2001.

Livros Caixa da Sociedade Atiradores Boa Esperança (1915-1961).

LOEFFLAD, P. F. **Centenário da colonização alemã em Rio Pardo:** município de Santa Cruz do Sul, 1852-1952. Santa Cruz do Sul: [s.n], 1952.

MARTIN, H. E. **Santa Cruz do Sul: de colônia a freguesia, 1849-1859.** Santa Cruz do Sul: Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul, 1979.

MARTIN, H. E. **Recortes do passado de Santa Cruz.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

MAZO, Janice. **Emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira.** Dissertação (Doutorado) - Faculdade de Educação Física e Ciências do Desporto, Universidade do Porto, Portugal, 2003.

MAZO, J. Z. **Associativismo esportivo intercultural em Porto Alegre: a fundação dos primeiros clubes teuto-brasileiros no século XIX.** In: MORAGAS, M. & DACOSTA, L. Universidade e estudos olímpicos: Seminário Espanha – Brasil 2006. Belaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 2007. p. 491-503.

MAZO, Janice. **Banco de Dados das Associações Esportivas e de Educação Física em Porto Alegre/RS (1867-1945).** Porto Alegre: APEFRS. 2010. CD-ROM.

MENEZES, J. B. **Município de Santa Cruz do Sul.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2ed., 2005.

MULLER, T.L. **175 anos de Imigração Alemã.** Porto Alegre: Suliani Editografia, 2001.

MULLER, T.L. **Colônia Alemã: história e memórias.** Caxias do Sul: EST, 1978.

NETO, W. O. **O tiro e as sociedades de atiradores em São Bento do Sul, Santa Catarina: aspectos históricos de um patrimônio cultural.** Dissertação (Mestrado) – Universidade da Região de Joinville, 2010.

OLIVEIRA, P.G. Esportes trazidos pela imigração. In: FISCHER, L.A. e GERTZ, R.E. (coord) **Nós os teuto-gaúchos.** Porto Alegre: UFRGS, 1996.

PESAVENTO, Sandra. **História & História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, S.J. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, S.J.; SANTOS, N.M.W.; ROSSINI, M.S. (org.) **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Porto Alegre: Asterisco, 2008.

PESAVENTO, S.J. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, S.J.; SANTOS, N.M.W.; ROSSINI, M.S. (org.) **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural.** Porto Alegre: Asterisco, 2008.

PETRY, S.M.V. **Os clubes de caça e tiro na região de Blumenau: 1859-1981.** Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1982.

RAMOS, E.H.C.L. **O teatro da sociabilidade: um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: S. Leopoldo. 1850/1930.** Dissertação (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RAMBO, A.B. **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul 1824-1924.** São Leopoldo: Unisinos, 1999. Original por Verband Deutscher Vereine, 1924.

RIBEIRO JR., G. A. Guilherme Paraense: O herói esquecido. **Revista Magnum**, São Paulo, ano VII, n. 39, p. 22-27, jun/jul. 1994.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1969.

SEYFERTH, G. **A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico.** Porto Alegre: Movimento, 1974.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. **Os Alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade, história.** Canoas: Ulbra, 1994.

SILVA, H.R.K. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950).** São Leopoldo: Oikos, 2006.

SILVA T. T. (org); HALL S. e WOODWART K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VOGT, P.O. **Abrindo o Baú de Memórias: o Museu de Venâncio Aires conta a história do município.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

VOGT, P.O. **Imperialismo: a face oculta do germanismo.** In: Centro de Estudos Marxistas. *As portas de Tebas: ensaios de interpretação marxista. Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 2 p. 49-92, jul. dez. 2001. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 67-111.

VOGT, P.O. **A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social.** Dissertação (Doutorado) – Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Regional na Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2006.

ZAVASCHI, O. Sociedades de Atiradores. *Zero Hora*, Porto Alegre, p.70, 8 mai 2009.

ZAVASCHI, O. Tiro de Guerra. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 46, 10 mar 2009.

WAGNER, P.M. **Imagem Histórica de Monte Alverne: 3º Distrito, Santa Cruz do Sul.** Santa Cruz do Sul: Gráfica Disneylândia, 1996.

WINK, R. **Santa Cruz do Sul e sua Evolução Urbana 1855-2000.** Dissertação (Mestrado) - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC. 2000

ANEXOS

Anexo 1:

**Deutscher Schützenverein
Villa Theresia**

50

**50-jähriges Vereinsjubiläum
Sonntag, den 10., Montag, den 11. und
Dienstag, den 12. September**

Festprogramm

Sonntag, 10. Sept., 8 Uhr morgens: Auftreten des Jubiläumsvereins.

8½ Uhr: Empfang der eingeladenen Vereine und gemeinschaftlicher Zug zum Vereinslokal. — Begrüßung. — Ansprachen.

Fahnenweihe

sowie Dekoration der Gründer und 25jährigen Mitglieder.

— Pause. —

1 Uhr: Abmarsch zum Schießhaus, 1 Stunde Probeshießen. — 2 Uhr: Beginn des Preisshießens. Die geehrten Kameraden werden hiermit darauf aufmerksam gemacht, daß nur Schützen, die den Festzug um 8½ Uhr vorm. mitgemacht haben und im Besitz der Schießkarte sind, an dem Preisshießen der Vereins Scheibe teilnehmen können.

Abends: Ball in zwei Sälen.

Montag, 11. Sept.: Fortsetzung des Schießens und Kinderbelustigung.

Dienstag, 12. Sept.: vormittags 9 Uhr: Auftreten der Vereine am Vereinslokal mit Fahne. Abmarsch zum Schützenhaus.

Nachmittags 4 Uhr: Schluß des Schießens auf die Festscheibe. — Nach Auszug der Ringzahl: Preisverteilung.

Abends Ball

Bemerkung: Handel und Industrie werden freundlichst gebeten, am Montag und Dienstag nachmittag zu schließen.

Anexo 2:




Alle Schützen-
vereine


von Rio Grande do Sul
 einerlei ob dem Schützenbunde angehörig oder nicht, wer-
 den hiermit eingeladen, sich an dem
Wettschiessen anlässlich der Jahrhundertfeier
der ersten Deutschen in Brasilien
 in den Tagen vom 10. bis 13. Oktober 1924, hier in
 Porto Alegre, zu beteiligen. — Ausgeschossen wird
 das von Herrn J. Alons Friederichs gestiftete
Jahrhundert-Wanderpreis-Schild
 außer einem allgemeinen
Preis-Schießen.

Anmeldungen, zwecks Uebersendung von Unterlagen
 für die einzelnen Schießen sind dem Unterzeichneten
 schnellstens schriftlich zuzustellen.
 Porto Alegre, den 5. August 1924.

Theo Wiederbahn,
 1. Vorsitzender des Schützenvereins Porto Alegre,
 Rua Garibaldi, 76.